



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**“Gestos Inúteis” em “1984” de George
Orwell: Análise Psicanalítica das Relações de
Objeto de Winston Smith**

Mestrando: Bernardo Manuel Cartas Bandeira
(nº24299)

Orientador de Dissertação:
Professor Doutor António Gonzalez

Professor de Seminário de Dissertação:
Professor Doutor António Gonzalez

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
**MESTRE EM PSICOLOGIA, Especialidade
em Psicologia Clínica**

2019 / 2020

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor António Gonzalez apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos:

No segundo ano de licenciatura tive o feliz acaso de ler “*A Psicanálise dos Contos de Fadas*” de Bruno Bettelheim e “*1984*” de George Orwell, tendo ficado cativado pelos dois livros e cativo da ideia de poder analisar o segundo psicanaliticamente. Agradeço ao Prof. Doutor António Gonzalez por ter percebido a importância que para mim era embarcar neste projeto, e por me ter acompanhado nele. O seu apoio, flexibilidade e a descontaminação que fez das minhas ansiedades foram providenciais durante a elaboração da dissertação, e por isso, uma vez mais lhe agradeço.

Agradeço à Prof. Doutora Maria Emília Marques pela disponibilidade e generosidade que demonstrou em ajudar-me a esclarecer questões de teor metodológico e teórico, e pela leitura crítica que fez de algumas secções da minha dissertação.

Um eterno agradecimento aos meus pais e avós pelo amor incondicional, e pela confiança e apoio que me deram durante este processo e sempre; e aos meus amigos, pela companhia, horas despreocupadas e bem passadas, a que estou muito agradecido.

Agradeço também aos vários autores com cujo trabalho contactei e que contribuíram para a minha aprendizagem e para o aumento do meu gosto pela psicanálise, e a Eric Arthur Blair (George Orwell) por ter criado personagens tão humanas nos tempos conturbados em que viveu.

Ao ISPA que me fez sentir em casa, e que levo comigo, às amizades que lá tive oportunidade de criar, e aos professores que contribuíram para o meu fascínio pela psicologia, e em especial pela clínica, um muito reconhecido agradecimento.

Resumo

NOME: Bernardo Manuel Cartas Bandeira

Nº ESTUDANTE:24299

CURSO: Mestrado Integrado

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Psicologia Clínica

ANO LETIVO: 2019 /2020

ORIENTADOR: Prof. Doutor António Gonzalez

DATA: 09/01/2021

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: “Gestos Inúteis” em “1984” de George Orwell: Análise Psicanalítica das Relações de Objeto de Winston Smith.

“1984” é uma obra marcante do século XX e apesar ter sido alvo de muitos estudos linguísticos e políticos, as relações entre as personagens têm passado despercebidas. A presente dissertação analisa as relações de objeto de Winston Smith, o protagonista da obra “1984” de George Orwell, seguindo-se a abordagem narrativa do método qualitativo. Procedendo-se à análise a partir da técnica de investigação da psicanálise aplicada, a prosa de “1984” permite o estudo das dinâmicas relacionais de Winston, a partir dos diálogos com as outras personagens, e pelo narrador, sendo onisciente, dar a conhecer ao leitor as experiências de Smith e a leitura que ele faz das mesmas. Atendendo ao contexto distópico que subjaz o mundo da obra, e seguindo como linha orientadora o pensamento kleiniano, a análise foca-se, primordialmente, nos relacionamentos de Smith com as personagens Julia, O’Brien e na sua tentativa de recuperar a memória traumática da sua mãe. No começo da dissertação aborda-se a abertura da narrativa edipiana da personagem, cujo enredo possibilita o amainar da sua agressividade e solidão, a partir do relacionamento amoroso com Julia, a busca de conhecimento, e a identificação com uma figura paterna idealizada que determina o final trágico da obra. Sublinha-se também a função sublimatória e reparadora da busca do passado realizada pelo protagonista, procurando elaborar o processo de luto pela perda da mãe, cuja morte sente ter causado, e o modo como o desejo de derrubar a ordem societal vigente, interfere e vai sendo diluído nas relações significativas que desenvolve.

Palavras-chave: Relações de objeto, Ansiedade depressiva, Contínente-conteúdo

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO EM INGLÊS: “Helpless Gestures” in George Orwell’s “1984”: A Psychoanalytic Analysis of Winston Smith’s Object Relations.

“1984” is a remarkable book of the 20th century, but despite having been the target of many linguistic and political studies, the relationships between the characters have gone unnoticed. The present dissertation analyzes the object relations of Winston Smith, the protagonist of George Orwell's “1984”, following the narrative approach of the qualitative method. Using the investigation technique of applied psychoanalysis, the prose of “1984” allows the study of Winston's relational dynamics, through the dialogues with the other characters, and the account that the narrator, being omniscient, gives of Smith's experiences and his perspectives of them. Taking the dystopian context that underlies the world of the book into consideration, and following the kleinian thinking, the analysis focuses primarily on Smith's relationships with the characters Julia, O'Brien and on his attempt to recover the traumatic memory of his mother. In the beginning of the dissertation, the opening of the character's oedipal narrative is discussed, allowing its plot the lessening of his aggressiveness and loneliness, through the love relationship with Julia, the quest for knowledge, and identification with an idealized father figure that determines the tragic end of the book. Furthermore, the sublimatory and reparative function of the search for the past, carried out by the protagonist, is emphasized, in an attempt to mourn for the loss of his mother, whose death he feels as been his doing, and the way in which the desire to overthrow the current social order, interferes and is diluted in the important relationships he develops.

Key-words : Object relations, Depressive anxiety, Container-contained

Índice

Agradecimentos:	III
Resumo	IV
1 Introdução.....	7
2 Conceitos Operatórios	8
2.1 Fantasias inconscientes	8
2.2 Posição esquizoparanóide e depressiva	8
2.3 Complexo de Édipo	11
2.4 Inveja, Ciúme e Avidéz	13
2.5 Pensamentos e o aparelho para os pensar	14
2.6 Ambiente de Holding.....	17
3 Método	18
4 Contextualização do mundo de “1984”	19
4.1 Um olhar significativo e uma entrada simbólica.....	21
5 Fragmentos de um passado abolido	23
5.1 Peças de tralha inútil.....	23
5.2 O Retorno do Passado.....	27
5.3. O Episódio do Chocolate	29
5.4. Desolação e perseguição	31
6 Julia	33
6.1 Primeiras Impressões	33
6.2 Katherine e a “mulher da cave”	35
6.3 Os 3 momentos na orla do bosque.....	37
6.4 Determinismo e Plasticidade Psíquica.....	40
6.5 O quarto por cima da loja do Sr. Charrington	42
6.6 O diário e o desejo sexual	45
6.7 Divergências.....	46
6.8 Reparação e trabalho de luto	48
7 O’Brien.....	52
7.1 O lugar onde não há trevas.....	52
7.2 Influência interna.....	54
7.3 Duas faces do mesmo rosto.....	55

7.4 Idealização	56
7.5 Confiança, força e segurança	58
7.6 O encontro prometido	59
7.7 Vitimização	60
7.8 O Último Passo.....	62
8 Conclusão	64
9 Referências Bibliográficas.....	67

1 Introdução

Como obra literária, “1984” de George Orwell pode ser definida como uma distopia, ou seja, uma narrativa que a partir da extrapolação e agravamento de problemas e tendências já negativas – na altura da redação de Orwell, a Revolução Russa, o fascismo, nazismo e a Segunda Guerra Mundial -, forma um mundo distante e pior do que aquele em que vivemos (Sampaio, 2005). “1984” é um livro incontornável e continuamente lido e citado nos dias de hoje, todavia têm sido precisamente o universo distópico de Oceânia, assim como a componente política e linguística do livro, que têm sido alvo de maiores atenções e inúmeros estudos. Como refere Rodden (2008) “we care less about the characters’ fates or development and more about how the characters figure in the narrative’s central argument. We care less about Winston Smith and Julia in 1984 than about where Oceania is headed, whether “The Brotherhood” exists, whether Goldstein and the underground can possibly launch a true revolt, and what the book (the bible of the revolutionary Brotherhood) contains” (p. 155).

Desse modo, as personagens, em larga medida, têm “escapado” a uma análise mais profunda, e incontornavelmente relacional. Stefaisk (2014), cujo trabalho figura várias vezes nesta dissertação, realizou uma interpretação dos sonhos de Winston, contribuindo para a compreensão que se tem do protagonista, mas ainda não foi realizada uma análise das suas relações em específico, e como tal, a presente investigação tem como objetivo analisar psicanaliticamente as relações de objeto e dinâmicas relacionais de Winston Smith, com vista a estudar as suas relações, o impacto que têm em si e o modo como se desenvolvem num mundo que proíbe explicitamente os laços entre as pessoas.

Nesta investigação, a definição que utilizarei para o objeto de estudo (“relações de objeto”) será a proposta por Greenberg e Mitchell (2003), que postulam que as relações de objeto se referem “às interações dos indivíduos com outras pessoas externas ou internas (reais ou imaginadas) e às relações entre os seus mundos objectais, interno e externo” (p. 34), o que vai de encontro ao objeto de estudo da psicanálise que, como defende Kobori (2013), não é algo mensurável por meio de estatísticas ou escalas quantitativas, preservando o carácter heurístico da construção do saber, o que implica, por sua vez, privilegiar o não saber e a descoberta. Como frisado por Greenberg e Mitchell (2003) a “teoria das relações de objecto” está envolta em ambiguidade e confusão, quer seja por ter sido aplicada em contextos díspares, quer pelas diversas conotações e denotações que lhe têm sido atribuídas, por isso recusam definições restritas e a existência de uma “verdadeira” teoria de relações de

objeto. Para os autores a expressão designa “teorias ou aspetos de teorias que dizem respeito à exploração da relação entre pessoas reais, externas e imagens internas e resíduos de relações com essas pessoas, e a significância destes resíduos para o funcionamento psíquico” (p. 32).

Será assim pela ótica desta teoria que analisarei as relações de objeto de Winston Smith. Tomando em consideração a diversidade de autores e conceitualizações teóricas (algumas delas contrastantes, por exemplo a abordagem de Melanie Klein e W.R.D. Fairbairn) terei, por uma questão de congruência analítica, de tomar uma certa linha de pensamento. Nesse sentido, assumirei a abordagem kleiniana como linha orientadora, e não como fação, tentando não me furtar da grande riqueza presente na teoria das relações de objeto no seu sentido lato.

Melanie Klein assumirá uma posição de maior destaque, pois coloca as relações de objeto no centro das suas formulações teóricas e clínicas, considerando-as determinantes fulcrais tanto da experiência como do comportamento (Greenberg & Mitchell, 2003), e Bion figurará também de forma preponderante, visto que expande alguns conceitos kleinianos de forma original, permitindo uma análise mais flexível a partir dos mesmos.

2 Conceitos Operatórios

2.1 Fantasias inconscientes

As *fantasias inconscientes* (“*phantasys*”) são o corolário mental, ou seja, a representação mental do instinto, a base de todos os processos mentais sejam eles conscientes ou inconscientes (Isaacs, 1948/1989), assim como as sensações físicas interpretadas como as relações de objeto causadoras dessas sensações (Spillius, Milton, Garvey, Couve, & Steiner, 2011). A formação de *fantasias inconscientes* é uma função egóica que pressupõe que o ego, impulsionado pelos seus instintos e ansiedades, é capaz de estabelecer relações objetais na realidade e em fantasia, influenciando-se estas duas mutuamente. (Segal, 1973).

2.2 Posição esquizoparanóide e depressiva

O termo posição refere-se a uma constelação de ansiedades, defesas e relações objetais internas e externas, características da primeira infância, mas que se evidenciam ao longo da vida (Segal, 1973; Spillius et al., 2011). A *posição esquizoparanóide* ocorre nos primeiros meses de vida (3-4 meses), altura em que o ego, ainda imaturo e pouco desenvolvido, é fustigado por ansiedades predominantemente persecutórias, face às quais mobiliza a *clivagem*

e *identificação projetiva* como principais mecanismos de defesa, mediante relações e objetos parciais (Klein, 1946/1997, 1952a/1997).

A *ansiedade persecutória* diz respeito a sentimentos e *fantasias inconscientes* em que se teme a destruição do ego por objetos considerados perseguidores (Klein, 1940/1998), procedendo-se, para fazer face à mesma, a uma cisão da experiência, do ego e do objeto, dividindo-os em polos opostos, para entrar apenas em contacto com um deles - e daí a relação e o objeto serem parciais (Klein, 1946/1997). Quando a mãe (entenda-se, a figura materna) gratifica, é boa e amada, é um *bom seio*, inculcando-lhe o ego os seus impulsos de amor; quando frustra é má, odiada e alvo de *projeções* destrutivas, o *mau seio* (Klein, 1952a/1997).

A partir da relação recíproca entre *projeção* e *introjeção*, a criança estabelece depois no seu mundo interno um bom e mau objeto que, sofrendo uma distorção por parte das *fantasias inconscientes*, não se tornam réplicas exatas dos seus correspondentes externos, constituindo o protótipo dos subsequentes objetos internos: o *bom seio* dos que ajudam, cuidam e gratificam, o mau dos perseguidores e detratores (Klein, 1952a/1997, 1958/1997).

Aliados ao ciclo de *projeção* e *introjeção*, temos outros importantes mecanismos de defesa característicos da *posição esquizoparanóide*, como é o caso da *idealização*, *negação* e *omnipotência* (Spillius et al., 2011), que se baseiam na *clivagem* do ego e do objeto, e operam em simultâneo. Se estivermos perante uma situação gratificante, dá-se uma *idealização* onipotente do bom objeto, negando-se onipotentemente a existência do mau (Klein, 1946/1997); se, por ventura, se der a situação oposta, é o *bom seio* que é negado, a tal ponto que a parte boa deixa de existir, parece perante o persecutório (Klein, 1952b/1997).

Durante a segunda metade do primeiro ano, o bebé começa a caminhar em direção à *posição depressiva*, conseguindo o ego, quando as *ansiedades persecutórias* são menos intensas, experienciar estados transitórios em que se sintetiza a si e ao objeto (Klein, 1946/1997). Gradualmente, e mediante a primazia de experiências positivas com a mãe, o ego mais íntegro e fortalecido, torna-se capaz de suportar a ambivalência, passando de uma relação objetal parcial para total, e entrando na *posição depressiva* (Klein, 1935/1998, 1940/1998, 1952a/1997). Com a percepção de que o objeto que tanto ama e a quem dá tanto valor é o mesmo que foi alvo do seu ódio e ataques destrutivos, surgem a culpa, remorsos e desespero. Sente-se a *ansiedade depressiva*, a angústia de ter perdido o objeto amado e desejar retê-lo. Este tipo de ansiedade é de natureza mais complexa que a *persecutória*, visto que aquilo que se pretende preservar face aos ataques destrutivos são os objetos (internos e

externos) e o ego que com eles está identificado (Klein, 1935/1998,1940/1998).

Consequentemente, o ego desenvolve novos métodos defensivos, usando-se de defesas maníacas - *omnipotência*, *negação* e *idealização* dirigidas à culpa e *ansiedade depressiva*; obsessivas, repetindo ações ritualistas; e regredindo aos mecanismos de defesa da *posição esquizoparanóide* (Klein, 1940/1998, 1952a/1997; Segal, 1973; Spillius et al., 2011). Dada a relação de proximidade da *omnipotência* com o sadismo estabelecida no inconsciente, a criança sente que as suas tentativas de reparação não foram ou serão bem-sucedidas, mas havendo um equilíbrio entre amor, ódio e a unificação do objeto, conseguir-se-á um equilíbrio entre as defesas que se tornam menos intensas (Klein, 1940/1998), permitindo a verdadeira reparação. Uma em que a culpa e responsabilidade pelos ataques se sentem em conjunto com a esperança na restauração, amor, empatia e desejo de se sacrificar pelo objeto (Spillius et al., 2011). Klein (1940/1998) salienta que a *posição depressiva* é revivida no luto, sendo ultrapassada se o trabalho de luto restabelecer no ego o objeto amado perdido e os primeiros objetos amados (os bons pais), que aquando da ocorrência da perda real se pensou ter perdido.

Os conceitos da *posição esquizoparanóide* e *depressiva* são fulcrais na análise exposta e desenvolvida na presente dissertação, pois, não sendo o objetivo colocar Winston em nenhuma delas, permitem dar conta das relações de objeto da personagem que vão evoluindo e mutando-se consoante as circunstâncias e as suas ansiedades. Nesse sentido, o símbolo $PS \leftrightarrow D$, proposto por Bion (1963/1984) em “*Elements Of Psychoanalysis*”, possibilita uma análise mais flexível e que se foca na dinamicidade das relações e vivências do protagonista. Para o autor $PS \leftrightarrow D$ trata-se de uma representação aproximada dos conceitos kleinianos da *posição esquizoparanóide* e *depressiva*, e do movimento provocado pelo *facto selecionado*, um conceito do matemático francês Poincaré, que corresponde a uma experiência emocional que dá coerência aos elementos dispersos e aos caos da *posição esquizoparanóide* (Ps), permitindo atingir-se a compreensão, significado e congruência - a *posição depressiva*.

Steiner (1992) acrescenta a $PS \leftrightarrow D$, as gradações que discerne dentro de cada uma das posições, e assim sendo, divide a *posição esquizoparanóide* em *fragmentação patológica*, que ocorre quando a *ansiedade persecutória* é por demais intensa, levando a fragmentações minuciosas com a subsequente projeção violenta dos fragmentos; e *clivagem normal*, que permite um certo grau de integração e o desenrolar da boa relação com o objeto. No que toca à *posição depressiva*, esta divide-se em *negação da perda do objeto amado*, quando se dá uma renovação da *clivagem* com o intuito de negar a perda, havendo uma semelhança com as

fases iniciais do processo de luto; e em *experiência da perda do objeto amado*, na qual a pessoa se dá conta da sua incapacidade de o proteger e experiencia dor mental e sofrimento, desenvolvendo-se a partir daí o trabalho de luto e a elaboração da *posição depressiva*.

2.3 Complexo de Édipo

O *complexo de Édipo* é um conceito de grande importância para a análise das relações do protagonista, permitindo compreender o modo como viveu a rivalidade edipiana na sua infância, e foi introduzindo depois personagens na sua vida. Tendo em conta que Winston é um homem heterossexual, nesta breve exposição focar-nos-emos no *Édipo direto* no rapaz. Para Freud o *complexo de Édipo* surge na *fase fálica* entre os 3 e 5 anos de vida, envolvendo fantasias acerca da morte do progenitor do mesmo sexo, usurpando-se o seu lugar, e de casamento com o progenitor do sexo oposto, caso se trate do *Édipo direto* (Britton, 1992). Em ambos os sexos, o *Édipo* existe e alterna na sua versão direta e invertida (atração pelo progenitor do mesmo sexo, e rivalidade com o do sexo oposto), terminando no rapaz com o medo de ser castrado pelo pai surgindo com a dissolução do complexo o seu herdeiro: o *superego* (Spillius et al., 2011).

Klein (1928/1998, 1945/1998, 1952a/1997), não colocando em causa as postulações de Freud, defende que as descrições por ele providenciadas, assim como as do *superego* e da curiosidade infantil, se referem ao término de um processo e não ao seu começo, e apesar de se continuar a usar dos termos *oral*, *anal*, *fálico*, estes gradualmente, com a evolução do seu pensamento, passam a referir-se a tipos de impulsos instintivos e a *fantasias inconscientes* típicas, e não a fases desenvolvimentais rígidas. A ênfase do desenvolvimento é colocada na qualidade e organização das relações objetais, e desse modo, o uso que faz dos conteúdos específicos das organizações libidinais inserem-se e são absorvidos pela teoria das duas posições (Spillius et al., 2011), algo com o qual se agirá em concordância no presente estudo.

Para a psicanalista, durante o primeiro ano de vida a criança entra nas fases iniciais do *Édipo* (Klein, 1928/1998, 1945/1998, 1952a/1997), altura em que este é mais polimorfo, pautando-se por uma flutuação e labilidade entre objetos e alvos, e desenvolvendo-se de forma semelhante em ambos os sexos. O que impele o ego na sua procura de novos objetos e gratificações são a gratificação e frustração que decorrem invariavelmente, de fontes internas e externas, da relação com a mãe (Klein, 1945/1998), e o receio que se tem de a perder (Klein, 1952a/1997). Consequentemente, o *complexo de Édipo* e a *posição depressiva* estão

intimamente relacionados (Britton, 1992), visto que o receio da perda do objeto primário, incentiva a criança a procurar novos objetos para se relacionar e investir libidinalmente que, dado o reviver dos conflitos da relação com a mãe na com o pai, a leva a retornar ao objeto primário, explicando a labilidade e fluidez supracitadas (Klein, 1945/1998, 1952a/1997).

Este processo, que está na base das *sublimações*, implica que o *Édipo precoce direto* e *invertido* sejam uma forma de aliviar a *ansiedade depressiva* e ajudar a elaborar a posição a que se refere, (Klein, 1945/1998, 1952a/1997), sendo que, com o decorrer do desenvolvimento e a primazia da genitalidade (entrando-se nas fase tardia do *Édipo*) as flutuações diminuem, estabelecendo-se a mãe, no *Édipo direto* do rapaz, como o objeto de desejo e o pai como o rival com o qual também se identifica (Segal, 1973). Se a relação com a mãe tiver sido perturbada precocemente pela inveja, a rivalidade com o pai inicia-se prematuramente, sendo ele visto como um intruso hostil, mas se, por ventura, houver um domínio de experiências de prazer e gratificação, é possível viver o amor pela mãe e deslocar a maioria da agressividade para os outros objetos (sejam eles o pai ou os irmãos), sem deixar de os amar e de ter consideração para com eles. Por conseguinte, o ciúme pode ser um modo de elaboração e defesa contra a inveja na *situação edipiana*, permitindo uma distribuição da libido e da agressividade, e providenciando novas relações, formas de gratificação e *sublimação* (Klein, 1957/1997).

Para Klein, o *superego* - “the internal authority, [that] reflects on the self, makes judgements, exerts moral pressure, and is the seat of conscience, guilt and self-esteem” (Spillius et al., 2011, p. 147) - não é o herdeiro do *complexo de Édipo*, porque tal como ele se desenvolve precocemente. Nesse sentido, na *posição esquizoparanóide*, devido às características extremas e inconciliáveis dos objetos, o *superego precoce* é sádico e cruel (Klein, 1928/1998, 1932, 1958/1997), tornando-se a sua influência menos rígida e mais benévola consoante a *ansiedade persecutória* diminui, e se entra e elabora a *posição depressiva*, permitindo que as *imagos*¹ e as figuras externas não tenham um declive tão acentuado entre si e sejam mais realistas (Klein, 1935/1998, 1945/1998, 1952a/1997).

A castração não é apenas temida no final, terminando o *Édipo*, mas, tal como as sensações e *fantasias inconscientes* genitais, desde muito cedo (Spillius et al., 2011), sendo que, segundo Britton (1992), o *complexo de Édipo* e a *posição depressiva* nunca terminam

¹ Uma *imago* é uma imagem inconsciente que usualmente se refere aos objetos precoces, seja uma pessoa ou parte de uma pessoa, incluindo os elementos somáticos e emocionais presentes no relacionamento com essa pessoa imagética (Isaacs, 1948/1989).

nem se resolvem, sendo antes continuamente elaborados (em relação mútua) em cada nova situação, fase da vida e com as respetivas adições à experiência e ao conhecimento.

Bion (1963/1984), não desvirtuando a componente sexual do *complexo de Édipo*, procura situá-la no contexto do mito e no âmbito dos outros elementos que o constituem, visto que para ele “It is (...) not possible to isolate the sexual component, or any other, without distortion” (p. 45). Relacionando o mito de *Édipo*, da Torre de Babel e do Jardim do Éden, o autor sublinha a relação entre o conhecimento, auto-conhecimento, e curiosidade com o seu carácter “pecaminoso”, proibitivo e o seu desfecho punitivo; destacando a existência de uma entidade *superegóica* que, pretendendo manter a sua superioridade e supremacia, tudo faz para impedir a obtenção do conhecimento (desejos e conhecimento sexual) por parte dos humanos – ou seja, o mito para além de elaborar os vínculos *L* e *H*, fá-lo também com *K*.

2.4 Inveja, Ciúme e Avidez

A inveja, a avidez e o ciúme são 3 conceitos profundamente conectados, e fundamentais para compreender a relação de Winston com a sua família e o modo como impactam os seus novos relacionamentos, face aos quais é necessário estabelecer uma distinção. O primeiro corresponde à zanga relativamente ao facto de alguém possuir e desfrutar de algo desejado pelo indivíduo, pretendendo-se usurpar e estragar aquilo que é alvo de inveja. Tratando-se do mais primitivo dos 3, é uma relação com uma pessoa apenas, remontando e remetendo para a relação precoce com a mãe (Klein, 1957/1997, 1959/1997). O ciúme baseia-se na inveja, mas implica já triangulação, aparecendo por isso aquando da *situação edipiana*. Trata-se de um sentimento de amor por um objeto que, perante um rival, foi ou corre o perigo de ser roubado.

Relativamente à avidez, a sua íntima associação com a inveja dificulta a diferenciação entre ambas, no entanto é possível perceber que enquanto a inveja concerne (principalmente) uma *projeção* destrutiva, a avidez consiste numa *introjeção* avassaladora. É uma ânsia insaciável e impetuosa de esvaziar totalmente o objeto, indo para lá das necessidades do sujeito e daquilo que o objeto pode providenciar (Klein, 1957/1997), não havendo consideração para com este último (Klein, 1959/1997), e resultando numa destruição, que ao contrário do que ocorre na inveja, é incidental (Segal, 1973). A primeira vez que a inveja aparece na teoria psicanalítica é em 1908, quando Freud descreve a *inveja do pénis* como algo central no desenvolvimento das mulheres, todavia Klein (1963/1997) defende que dentro da

personalidade existem componentes masculinas e femininas, de identificação com ambos os pais e com as características que os distinguem, constituindo-se isso como a *bissexualidade psíquica*. Assim sendo, não é apenas a rapariga que tem inveja do *pénis*, pois existe uma fase precoce de identificação com a mãe, a *fase feminina*, em que o rapaz (tal como a rapariga) deseja possuir a capacidade parturiente dela, bem como os órgãos associados à concepção e gravidez, sentindo-se em desvantagem e inferior para com a mãe (Klein, 1928/1998), algo que, como veremos no presente estudo, acontece com Winston relativamente às mulheres.

A avidez está conectada com a aquisição de segurança, defendendo o sujeito contra o vazio, a desintegração, o sentimento de maldade para consigo e os outros (Riviere, 1937), e de não se ser suficientemente bom para ser amado (Klein, 1959/1997), pois ao adquirir aquilo que deseja, o indivíduo comprova que é bom, digno de amor, honra e respeito, e mantém à distância a *ansiedade persecutória*. Partindo daí, quando o sentido de segurança depende em grande parte da avidez, a percepção de que alguém tem mais do que o próprio é perturbadora; o indivíduo sente-se pobre e ameaçado, e por isso mesmo, sentindo-se roubado, vê-se justificado a roubar e perseguir (Riviere, 1937).

São as experiências de prazer e gratidão, uma forma de amor pelo objeto, que permitem mitigar esses sentimentos, e criar uma proteção mútua entre ele e o ego do sujeito, contribuindo as experiências recorrentes de prazer e gratificação para a capacidade de fazer reparação e *sublimação*, e criando uma riqueza interna que fortalece o ego e é possível de ser partilhada. Uma vez que o bom objeto interno é *introjetado* e *re-introjetado*, assegura-se a sua permanência e influência benigna, e o indivíduo pode partilhar da sua riqueza com os outros, criando um mundo externo mais amigável e que, em retorno, aumentará a riqueza (Klein, 1957/1997). No entanto, se a inveja for forte, a bondade não é assimilada, não se constituindo como parte da sua vida e impedindo a gratidão (Klein, 1959/1997).

2.5 Pensamentos e o aparelho para os pensar

Em “*A Theory of Thinking*”, Bion (1962a/1988a) propõe que os pensamentos precedem o pensar e necessitam do desenvolvimento de um aparelho para lidar com eles, sendo então os pensamentos que estimulam a *psique* a desenvolver o pensar e não o contrário. Para Bion, pensar não é um processo mental abstrato, é um vínculo humano, um processo de conhecimento emocional de si e do outro - de *se ir conhecendo* a si e ao outro - que designou de *K* (O’Shaughnessy, 1981/1988b; Symington & Symington, 1996). O catalista emocional

desse processo é a relação, pois “An emotional experience cannot be conceived of in isolation from a relationship” (Bion, 1962b/1984, p. 42), podendo os vínculos que ligam um ser humano a outro ser divididos em *Love (L)*, *Hate (H)* e *Knowledge (K)*, e aos negativos correspondentes (*-L*), (*-H*) e (*-K*) (Bion, 1962b/1984).

Bion (1962a/1988a) considera que a *identificação projetiva*, para além de ser um mecanismo de defesa, representa o primeiro modo de comunicação entre a mãe e o bebé, e como tal, a fundação do desenvolvimento normal (Bion, 1959/1988a) e do pensar. Para o psicanalista, os *elementos β* são a matriz mais precoce a partir da qual os pensamentos podem emergir (Bion, 1963/1984), correspondendo a impressões sensoriais sem significado e sensações inomináveis causadoras de frustração (Symington & Symington, 1996), que podem ser apenas usadas em *identificação projetiva*, em termos de mera evacuação ou para serem digeridos por um certo tipo de pensar – falamos da *função α* , a função materna. O bebé, através da *identificação projetiva*, inculca na mente da mãe os *elementos β* causadores de dor e desconforto, mas para que haja uma descontaminação desses conteúdos é necessário que a mãe o consiga “ler”, que o consiga pensar com amor, captando e compreendendo o que ele sente e experiência. A essa capacidade Bion (1962b/1984) chama de *rêverie*, considerando-a um fator da *função α* , dependente do amor que a mãe tem pelo filho(a) e pelo pai do mesmo, que determina um estado mental de recetividade para com as *projeções* do bebé.

Se bem sucedida, a *função α* (uma ação da *parte não-psicótica da mente*) torna compreensível a experiência emocional, dotando-a de significado a partir da produção de *elementos α* (Symington & Symington, 1996), ou *pictogramas*, que correspondem a formas precoces de representar a experiência emocional a partir de cenas simbólicas ou figurativas (Rocha- Barros, 2000), que sendo internalizados pela mente do bebé, assim como a *função α* , permitem-lhe, em circunstâncias que não sejam dramáticas ou urgentes, proceder à alteração dos *elementos β* para *α* . Porém, essa transformação não corresponde ao pensar nem significa que os *elementos α* sejam pensamentos (Ferro, 2005; Brown, 2013), para tal é necessária a repetição do ciclo transformador da *função α* para que se forme o *continente* (♀) e se desenvolva o *conteúdo* (♂) (Ferro, 2005). Bion (1962b/1984) propõe ♀♂ como o representante da relação dinâmica entre *continente-conteúdo*, tendo como inspiração o conceito de *identificação projetiva* de Melanie Klein. ♀♂ é um casal, mãe e bebé - ou qualquer outra díade que cumpra essa função, analista e analisando, por exemplo (Brown, 2013) - existindo 3 tipos de relacionamento entre eles: comensal, simbiótico e parasítico. A

relação comensal é uma em que 2 objetos partilham um terceiro para ganho de todos os envolvidos, na simbiótica os 2 objetos dependem um do outro para obterem ganhos mútuos, e na parasítica os 2 objetos produzem um terceiro que os destrói a todos (Bion, 1970/1984). A componente intersubjetiva que é necessária ao bebé incorporar, é a mãe como ♀ a pensar e acolhê-lo, e este como ♂, numa relação comensal promotora de crescimento (Brown, 2013) que sendo introjetada, cria um espaço mental no qual a *função α* pode operar (Segal, 1991), instalando-se na mente como o *aparelho para pensar os pensamentos* (Bion, 1963/1984).

Este aparelho produz sequências organizadas de *pictogramas (elementos α)* que formam *derivados narrativos*, i.e., mosaicos narrativos de factos emocionalmente salientes, que constituem os pensamentos e o pensar dos mesmos, dependendo para isso das oscilações $Ps \leftrightarrow D$, entre *capacidade negativa* e *facto seleccionado* – a capacidade de tolerar a dúvida até despontar o significado das emoções não processadas (Brown, 2013) -, e da relação entre ♀ e ♂ (Ferro, 2005). Munida de um *aparelho para pensar os pensamentos*, a *psique* pode evacuar os *elementos β* ou então transformá-los, elaborando-os em direção aos pensamentos, emoções ou sonhos (Ferro, 2015), o que significa que durante o sono, a *função α* pode reelaborar factos que ficaram por digerir ou que necessitam de uma digestão reforçada (Ferro, 2005).

A obra “1984” encontra-se dividida em 3 partes, permitindo o modelo *continente-conteúdo* de Bion acompanhar a evolução do pensar de Winston que, a partir das experiências com pessoas marcantes, se vai desenvolvendo ao longo dos primeiros 2/3 do livro, surgindo vários *pictogramas*, sonhos e recordações aos quais vai atribuindo um significado emocional dentro desses relacionamentos, até chegar à parte final da obra em que se dá uma destruição e retrocesso dos progressos alcançados. Assim sendo, podem ocorrer verdadeiros dramas na relação que levam à psicopatologia quer seja por falhas na *rêverie* materna ou pela inveja que o bebé tem das capacidades da mãe (Spillius, 1988a). O que ocorre é uma reversão do processo do pensar e da *função α*, em que o vínculo é $-K$, numa relação que Bion (1962b/1984) representa como $-(♀♂)$, e Bruni (2013) denomina de relação invertida. Ao solicitar à mãe uma resposta para as suas ansiedades e frustrações ($β$), o bebé, ao invés de receber a sua *angústia de morte* de uma forma que pode ser tolerada e reintegrada, são-lhe devolvidos os seus *elementos β* e os da mãe, ficando com um *terror sem nome* que implica que para além do seu medo de morrer, perde a vontade de viver (Bion, 1962b/1984).

Este quarto tipo de relacionamento ♀♂ “denotes a “Pseudo-Ego” situation, where meanings are impoverished, emotions are devitalized, mental growth stops and rigid

moralistic superego qualities prevail” (Bruni, 2013, p. 216). Para além de não adquirir um objeto pensante, dá-se um aumento em força e frequência da *identificação projetiva* que resulta numa evacuação dos *elementos α* , de ♀ (mãe continente) e num ataque agressivo às capacidades mentais do próprio (Bion, 1962a/1988a, 1959/1988a; O’Shaughnessy, 1981/1988b). Em “*Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities*”, Bion (1957/1988a) defende que dentro de cada indivíduo existe uma *parte psicótica* e *não-psicótica*, sendo que, uma vez que se dá um ataque ao *self*, ao objeto e ao pensar, a *parte psicótica da mente* ganha força e pode levar à psicose, fragmentando minuciosamente a *parte saudável* - aquela que coloca o sujeito face à realidade detestada -, “until at last the gulf between them is felt to be unbridgeable” (Bion, 1957/1988a, p. 65).

Entre o inconsciente e o consciente existe uma entidade divisória que consoante o domínio da *parte saudável* ou *psicótica da mente*, poderá constituir-se como uma *barreira de contacto* ou *tela β* (López-Corvo, 2003). No primeiro caso, a barreira, como uma espécie de membrana formada a partir de *elementos α* , marca o ponto de contacto e separação entre os elementos conscientes e inconscientes, permitindo que estes se distingam (Bion, 1962b/1984), e que haja uma troca entre eles sem se confundirem. Torna possível a compreensão da experiência emocional, o armazenamento para a memória e recalçamento (Symington & Symington, 1996), a discriminação entre sono e vigília, e o desenvolvimento dos pensamentos e sonhos. Se for a *parte psicótica* a mais forte, forma-se a *tela β* a partir da congregação de *elementos β* , que induzem um estado de confusão semelhante aos sonhos, e levam a uma *projeção* massiva de *elementos β* (López-Corvo, 2003). Consequentemente, a onipotência e onisciência substituem o pensar e a aprendizagem pela experiência, “in a disastrously confused, undeveloped and fragile ego” (O’Shaughnessy, 1981/1988b, p. 149) que lança ataques aos vínculos que o ligam aos objetos (Bion, 1959/1988a), deixando o seu mundo interno sem um pensador, e com um objeto ávido “that strips of its goodness all that the infant receives or gives, leaving only degenerate objects” (Bion, 1962a/1988a, p. 178) perante um medo, que face à falta de compreensão, se torna num *terror sem nome*.

2.6 Ambiente de Holding

Um conceito importante e usado amiúde na análise do objeto de estudo é o de *holding* de Donald Winnicott. O conceito refere-se aos cuidados maternos de suporte físico e psíquico (pelo tocar, olhar, palavra e sensibilidade emocional) que ocorrem antes e imediatamente após

o nascimento do bebê e que levam à criação do ambiente de *holding* (Golse, 2002; Abram & Hinshelwood, 2018). É uma forma de amor, em que a *mãe suficientemente boa*, a mãe que dado o seu estado de *loucura normal*, se identifica e consegue uma adaptação quase perfeita aos ritmos e necessidades do bebê, cuida e sustenta-o de modo providenciar-lhe aquilo que ele necessita, sem nada lhe impingir, e criar um ambiente de suporte e envolvimento (Winnicott, 1960, 1971/1991). “If we say "This child has not been held properly; he has been let down", we mean quite literally that the ground has opened beneath him and there is no security anywhere; there is an infinite drop” (Winnicott, 1955/1996, p. 87).

O ambiente de *holding* é habitualmente associado, mas não deve ser confundido com o conceito de *contínente* de Bion (Abram & Hinshelwood, 2018), visto que o *contínente* (♀) é interno, não sensorial e pode levar à integração ou destruição, enquanto o ambiente de *holding* é externo, ou se situa no espaço transicional entre o interno e o externo, predominantemente sensorial, e promove o crescimento, sendo positivo (Symington & Symington, 1996).

3 Método

Para se proceder à análise das relações de objeto de Winston Smith, utilizou-se o método qualitativo, seguindo-se a abordagem narrativa que foi trabalhada a partir da psicanálise aplicada (técnica de investigação). Segundo Barker, Pistrang e Elliot (2016), o método qualitativo tem como objetivo o estudo das experiências, pensamentos e sentimentos das pessoas, assim como o uso que as mesmas fazem da linguagem. Para tal a matéria-prima utilizada é a linguagem independentemente da sua fonte de origem (transcrição de uma entrevista qualitativa, de uma sessão de psicoterapia, etc.).

Comparativamente aos métodos quantitativos, os qualitativos rejeitam o positivismo (e o estudo de uma realidade objetiva universal) dando preferência às correntes epistemológicas e filosóficas da fenomenologia e do construcionismo. A fenomenologia procura compreender as experiências e concepções do mundo dos sujeitos, partindo do pressuposto de que cada perspectiva tem a sua própria validade (“pluralismo epistemológico”), enquanto o construcionismo incide sobre a linguagem como um produto social em si mesmo, não assumindo que seja um reflexo da cognição do indivíduo, procurando antes discernir de que modo a mesma pode ordenar e organizar o mundo. O facto de terem origens diferentes não faz com que estas tradições filosóficas se excluam mutuamente, havendo pontos em comum entre ambas e grande diversidade dentro de cada uma (Barker, Pistrang & Elliot, 2016).

No que toca às diferentes abordagens do método qualitativo a que faz sentido utilizar nesta investigação é a abordagem narrativa que, de acordo com os autores supracitados, utiliza histórias como dados brutos, tendo como objetivo a análise das propriedades das mesmas no contexto em que ocorrem. Nesse sentido, o objeto de análise desta dissertação será a obra de George Orwell “1984”, usando-se como técnica de investigação a psicanálise aplicada.

Esta última corresponde à aplicação do método psicanalítico fora do seu contexto habitual, a clínica (Kobori, 2013), remontando as suas fundações a 1907 aquando da publicação do texto “*Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*” por Sigmund Freud, onde o psicanalista efetua uma análise detalhada do romance (Mezan, 1985). Renato Mezan (1988) sublinha que a psicanálise aplicada não é uma mera transposição dos conceitos e teorias psicanalíticas de um campo para outro, tratando-se antes da utilização do método psicanalítico (observação, investigação e interpretação) como ferramenta de análise, sem descurar o carácter heurístico inerente à interpretação (Kobori, 2013).

De acordo com Mezan (1988), na ausência de um paciente e do discurso que ele produz, existe no texto literário conteúdo que, falando por si mesmo, despoleta no analista emoções análogas às que surgem na associação livre do analisando, ainda que, como Kobori (2013) explica, a obra de arte ofereça somente, ao invés do paciente que associa, material passível a ser associado pelo espectador. Segundo o mesmo autor, estas aproximações são fatores de execução do método psicanalítico para a análise, demonstrando que a psicanálise, clínica e aplicada, segue critérios metodológicos comuns à sua ciência.

Desse modo, a prosa de “1984” permite o estudo das relações de objeto de Winston Smith não só pelos diálogos que tem com as outras personagens, mas também pelo facto do narrador ser onisciente, dando-nos conta daquilo que Winston pensa, sente, sonha, aspira e recorda. Para a análise do objeto de estudo foi utilizada a tradução de Ana Luísa Faria de “*Nineteen Eighty-Four*” para português de Portugal na reedição de 2015 da editora Antígona.

4 Contextualização do mundo de “1984”

Na obra, passada na data epónima, o mundo encontra-se dividido em 3 grandes potências mundiais, a Oceânia, Eurásia e Lestásia, que trocando de alianças políticas frequentemente, se mantêm em guerra perpétua entre si. Londres, cidade anexada à Oceânia e local da ação do livro, é suja e decrepita, assiduamente bombardeada pelos alegados inimigos, e dominada pelos cartazes e imagens que contêm o rosto do Grande Irmão, símbolo do

Partido e da vigilância sobre os habitantes. A ordem vigente da sociedade da Oceânia, o Partido, tem controlo sobre todos os aspetos da vida dos seus cidadãos, exaurindo-os dos laços que os ligam entre si, retirando o erotismo da sua vida sexual, cujo único propósito é a natalidade, incitando a escuta e denuncia até de familiares, e eliminando a privacidade a partir dos vários meios com que invadem aquilo que seria o espaço pessoal.

Vivendo sob um pretense estado de ameaça em que qualquer sinal de divergência daquilo que é postulado pelo Partido é crime e uma traição da mais alta ordem ao estado do Grande Irmão, nos domicílios de Londres, um ecrã (o “telecrã”) capta som e imagem, helicópteros passam pelas janelas e espreitam o seu interior, e a Polícia do Pensamento, a entidade responsável pela captura, tortura, confissão e “vaporização” - uma morte que implica a eliminação de todos os indícios de que a pessoa alguma vez tenha existido -, dos crimepensantes, é uma ameaça constante que instaura uma autêntica cultura do medo.

A ideologia do Partido, SOCING, tem 3 princípios sagrados que assumem um papel central no domínio que o Partido tem sobre a *psique* dos seus cidadãos. A novilíngua, língua oficial da Oceânia, a partir da redução contínua do seu vocabulário almeja “restringir o campo do pensamento” (56) para inviabilizar o crimepensar (termo para designar crime); o duplopensar é o processo de pensar *esquizofrenizante* incutido pelo regime em que se procura “defender simultaneamente duas opiniões que se anulam reciprocamente, sabendo-as contraditórias e acreditando em ambas” (38); e a mutabilidade do passado corresponde ao constante rescrever da história consoante os interesses temporários e imediatos do Partido. Tudo isto cimenta um Universo em que a liberdade, subjetividade e identidade são esmagadas pela obsessão e o amor que o estado tem ao poder.

Moylan (2000) salienta que nas distopias após o estabelecimento do *mise-en-scène* da estrutura societal, a narrativa se desenrola a partir de um protagonista alienado e das vicissitudes da sua relação com o sistema vigente, e nesse sentido, a narrativa da obra “1984” inicia-se com um ato criativo (e desafiador!) da personagem principal, Winston Smith.

Winston tem 39 anos, vive separado da mulher de quem nada sabe há cerca de 11, e trabalha no Ministério da Verdade, falsificando as notícias do passado de acordo com os interesses do Partido, para depois eliminar as provas. A personagem vive numa “solidão enclausurada”, em que o seu sofrimento não pode sequer ganhar expressão (“vivia-se, graças a um hábito que se fazia instinto – no pressuposto de que cada som emitido estaria a ser escutado e, salvo na escuridão, cada movimento, vigiado” (7)), envolvendo a desesperança

tudo o que faz com uma aura de morte. Nem mesmo, o maior prazer que tinha na vida, o seu trabalho, podia ser verdadeiramente desfrutado, uma vez que “se lhe abria um abismo debaixo dos pés ao pensar na conversão de mentiras em verdades.” (157) No começo da obra, Winston não apresenta relacionamentos com outras pessoas a não ser os conhecidos do trabalho, e do seu prédio, e, ainda que tenha uma certa afeição por um “camarada” em particular, Syme, a personagem reconhece que no seu tempo de vida não existem amizades, e que se Syme tivesse oportunidade o denunciaria imediatamente à Polícia do Pensamento.

4.1 Um olhar significativo e uma entrada simbólica

Encostado à parede do fundo de um pequeno recanto da sua sala, onde, impérvio ao olhar do “telecrã” pode permanecer indetetável caso fique em silêncio, Winston, após a vivência de um momento significativo nessa manhã, prepara-se para começar um diário. A escrita era severamente punida, quer fosse com décadas em campos de trabalhos forçados quer com a morte, e como tal, eufemisticamente, não era algo que se fizesse de ânimo leve.

“Ocorreu-lhe de repente a questão de saber para quem ia escrever aquele diário” (11). Tratando-se de um diário, o livro é algo privado, escrito de si para si, contudo, Winston procura situá-lo no contexto de uma relação, procura conjurar um outro a quem se possa dirigir e comunicar. O futuro é a primeira hipótese de destinatário, mas imediatamente esbarra com as dificuldades implícitas. “Como podia alguém comunicar com o futuro? Por definição isso era impossível, ou o futuro se assemelharia ao presente e nesse caso não lhe daria ouvidos, ou seria diferente e a condição de Winston não teria então qualquer sentido” (11).

A comunicação com o futuro recai numa perspectiva de alertar e dar o seu testemunho. Existe uma perceção de isolamento e ostracização, a sua “condição” única e o facto de não lhe darem ouvidos, que contém o seu elemento paternalista, ele está certo, mas não o ouvem - mas acima de tudo de solidão e desamparo: se o futuro for igual ao presente não o escutam ou compreendem, se for diferente, mesmo que para melhor, depara-se com a falta de sentido e significado da sua escrita e da sua vida. Por um lado a indiferença, por outro a irrelevância.

A primeira conceção de Winston do processo criativo corresponde a uma mera projecção da turbulência que traz dentro de si para o papel, não sendo nada mais requerido do que “coragem”, todavia não consegue transpor o conteúdo para o diário, pois os pensamentos estão demasiadamente em bruto. O que ele descreve é um “interminável monólogo agitado” que lhe ecoa na cabeça há anos, o que se coaduna com o “protesto mudo da carne” e a

“sensação instintiva” que ele possui acerca da insustentabilidade das condições de vida em relação ao passado. O pensamento é, então, instinto; é algo somático que carece de uma componente relacional - para além de ser um monólogo, é algo que como desenvolvimento tem apenas o eco, ou seja, que é propagado e prolifera sem contenção (β , β , β , β , ...).

Quando finalmente escreve, “levado por puro pânico”, Smith relata o que viu no cinema no dia anterior, a chacina de refugiados por um helicóptero que larga uma bomba e os destrói, incluindo uma mãe judia que, em vão, resguardava o filho com o seu corpo; e, ao fazê-lo, recorda-se daquilo que ocorrera durante essa manhã, aquando da preparação dos “Dois Minutos do Ódio” – um ritual em que se consagrava o ódio a Goldstein, a figura que o Partido apresenta como o inimigo e a antítese do Grande Irmão -, que o levava a querer ir para casa escrever. “Entraram inesperadamente na sala duas pessoas que conhecia de vista, mas com que nunca falara” (13); uma delas, uma rapariga, Julia, desperta em Winston uma reação em que a libido e a agressividade se fundem, e que se lhe afigura como particularmente perigosa, a outra, um homem chamado O’Brien em que o contraste do vigor físico com a civilidade das maneiras, e a esperança de que fosse heterodoxo o atraem. Como aponta Stefaisk (2014), existe uma rememoração do *complexo de Édipo* com a entrada destas duas figuras, Julia representando a mãe que desperta um desejo que nunca poderá ser fruído, e O’Brien o pai e Goldstein (um símbolo da heterodoxia e líder da Fraternidade, “uma rede clandestina de conspiradores empenhados na destruição do Estado” (17)).

Por breves momentos, enquanto Winston gritava como toda a gente na sala, os seus olhos cruzaram-se com os de O’Brien, tendo ele a certeza de terem pensado o mesmo. “Passara entre os dois uma mensagem inequívoca, como se os seus dois espíritos se tivessem aberto e os pensamentos corressem de um para o outro através dos olhos. “Estou contigo” parecia dizer O’Brien “Sei exatamente aquilo que estás a sentir, sei tudo sobre o teu desprezo, o teu ódio, a tua repugnância, mas não te preocupes, estou do teu lado” (20).

Sobre o sentimento de solidão, Klein (1963/1997), afirma que sempre fica um anseio por uma compreensão sem palavras, por um encontro de inconscientes como o que ocorre na relação precoce da mãe com o seu bebé. Aquilo que leva Winston a ir para casa, decidindo-se a escrever, é um momento de cumplicidade e partilha, de se ver espelhado e reconhecido no olhar do outro, sem que palavras sejam necessárias para dar um nome ao seu sentir. Smith vive uma experiência de perfeita sintonia, de estar em unísono, que lhe permite encontrar um ♀ que descerra a solidão esmagadora em que vive. Mesmo que, mais tarde ao pensar sobre o

assunto, pondere que o olhar tenha sido equívoco ou dúbio, a clausura que associava ao estar só, foi transposta, por momentos, com o olhar que permitiu a abertura dos espíritos e a troca significativa entre ♂ e ♀ (os pensamentos a correrem de um para o outro).

A escrita da personagem, ou a sua intenção em escrever, tem duas facetas. Uma política em que procura entrar em contacto e servir de testemunho ao futuro, como um mártir que carrega aos ombros o peso de uma espécie inteira (enquanto dissesse a sua verdade, a continuidade não seria quebrada e “prolongava a herança humana”); outra de apelo, de busca de uma relação genuína com um outro que lhe propicie intimidade, contenha as suas ansiedades e permita uma reconstrução do seu passado e de si próprio, estabelecendo uma continuidade e combatendo a sua imensa solidão. Da saudação que endereça ao futuro (a “uma era provavelmente imaginária”), como uma mensagem numa garrafa, Winston toma a decisão de escrever “por O’Brien, *para* O’Brien: como uma carta interminável que nunca ninguém leria, mas que se dirigia a uma pessoa em particular, e cujo tom decorria precisamente desse facto.” (85) O’Brien acredita em si, está do seu lado, e a compreensão entre eles vai para lá do verbal. A escrita torna-se numa correspondência interminável, como o monólogo que se agitava dentro de si, mas que agora encontrando um objeto significativo, tornando-se relacional, dissipa o eco e ganha ressonância afetiva; e a entrada das duas pessoas na sala, a entrada delas na vida de Winston, torna suscetível o repensar e reelaborar da sua problemática edipiana e *ansiedade depressiva*, permitindo-lhe dar o primeiro passo para reencontrar os objetos do seu passado e desenvolver novos relacionamentos.

5 Fragmentos de um passado abolido

5.1 Peças de tralha inútil

No início da obra existe uma rutura no passado da personagem, não tendo o leitor qualquer referência, até ao primeiro sonho, das incidências da sua história biográfica. George Orwell (cit. por Bowker, 2003) afirmou que “A human being is what he is largely because he comes from certain surroundings, and no one ever fully escapes from the things that have happened to him in early childhood.” Durante 30 anos, Winston procurou escapar à memória do desaparecimento da sua mãe e irmã, e acima de tudo aos afetos associados a essa perda.

Aquilo que o protagonista considera “mais temível do que a simples tortura ou morte” é o poder que o Partido possui e exerce em desmentir acontecimentos que ocorreram (a mutabilidade do passado), no entanto, devido ao trauma da perda da sua mãe, Smith acabou

por recalcar e negar a memória do evento, procedendo ele mesmo a uma alteração da história. Com o desaparecimento dos seus familiares, Winston viu-se a sós no mundo, foi recolhido numa colónia para crianças desalojadas da qual nenhuma informação nos aventa, e desse modo o seu mundo interno ficou desertificado. Nas palavras de Greenberg e Mitchell (2003, p. 159) acerca da culpa relativamente à constatação de se ter agredido/destruído os objetos amados, “a criança imagina o seu mundo cruelmente despovoado, o seu interior esvaziado. Considera-se um sobrevivente solitário e uma concha vazia.”

Na infância da personagem ocorreu um alinhamento trágico entre a agressividade das suas fantasias (o desejo de que os membros da sua família morressem) e o desfecho na realidade, que o levou a recalcar a memória do evento, pois não tinha meios, nem ninguém que lhos propiciasse, para fazer face a uma tal perda. O próprio ambiente sociopolítico da época, de guerra civil e como tal de grande instabilidade e tumulto, não terá certamente contribuído para a elaboração dolorosa e morosa do processo de luto, pelo que a culpa e mágoa, por serem excruciantes, tiveram de ser negadas e esquecidas.

A grande sensibilidade da personagem quanto ao passado ser mutável, e a sua procura em aceder e compreendê-lo, ao *lá e então* verdadeiro e intocado pelas mentiras e interesses do Partido, tem, tal como o diário, uma intenção política e rebelde, de percecionar as diferenças e de algum modo torná-las públicas para “desagregar o Partido”, como poderia ter feito um dia com uma fotografia que teve em sua posse que desmentia uma notícia, mas também de perceber como era a sua vida, como era ele mesmo, com quem vivia e o que lhes acontecera.

O conhecimento, que Winston possui das diferenças das condições de vida da atualidade relativamente ao período pré-revolução, alicerça-se sob o que o seu estômago e pele lhe transmitem, sob uma “memória ancestral” que é também, como já mencionado, instinto. Por isso mesmo, Bello (2005) defende que Winston mais do que se recordar de certos aspetos da sua vida passada se dava “conta de uma reminiscência em si mesmo” (p.82) que servia de base à sua consciência pessoal e identidade única. Na medida em que o Partido tem o “controlo da realidade” e por inferência sobre a mutabilidade do passado, a personagem nunca poderá aceder à informação fidedigna que pretende a partir de registos literários, nem conversando com as pessoas que viveram nessa época. Ao deambular por zonas da cidade incomuns e desaconselháveis a membros do Partido, os bairros do proletariado, Smith não conseguiu extrair qualquer recordação de um velho que viveu durante esse período, parecendo cada um falar para seu lado, dando-lhe uma sensação de impotência e desalento. É ao entrar

na loja de antiguidades em que já antes estivera e comprara o diário, que Winston encontra, ao adquirir um pisa-papéis, uma forma de aceder ao passado: colecionar “peças de tralha inútil”.

Ao longo da obra ele vai adquirindo vários artigos - o diário, o pisa-papéis, uma lengalenga que vai descobrindo a pouco e pouco, e o quarto que aluga posteriormente por cima do antiquário -, que pertencem “ao passado romântico desaparecido” e representam a sua mãe. Stefaisk (2014) relacionando o pisa-papéis com o quarto por cima da loja, explica que o pequeno objeto é um símbolo do útero materno e, desse modo, do primeiro quarto de Winston. De facto, o que o atrai no pisa-papéis, para além da sua beleza, é a sua “aparente inutilidade”, passando-se o sonho que traz consigo a recordação da mãe, dentro do pisa-papéis, onde o gesto protetor, que viu a mãe judia fazer no filme e a sua mãe ao envolver a irmã na última recordação que delas tem, se evidencia. Não obstante, o adjetivo que confere às antiguidades é o mesmo com que se refere ao altruísmo da sua progenitora: “Nunca lhe passaria a ela pela cabeça que um ato deixasse de fazer sentido apenas por ser inútil.” (167)

Na *posição depressiva* os símbolos internamente auxiliam no restauro e reparação dos objetos danificados, podendo ser usados no trabalho sublimatório (Segal, 1957/1988a). Consequentemente os objetos que Smith vai comprando, como símbolos do passado, auxiliam na reconstrução do mesmo e no trabalho sublimatório de restauração da mãe perdida, no sentido de, em *fantasias inconscientes*, como explica Klein (1937), se irem juntando as peças do corpo materno até se restituir a mãe ao seu estado íntegro. Por outras palavras, os fragmentos dispersos, os artefactos do passado, é como se fossem peças soltas com que vai formando uma imagem da mãe, consistindo numa tentativa de esboçar um gesto preservador (do seu passado, da mãe e da sua identidade), tal como a mãe fizera anos antes com a filha.

À medida que a história se vai desenrolando, não são apenas objetos que Winston vai juntando, mas também memórias que vão sendo recuperadas, considerando Bello (2005) que os sonhos, recordações, e as “visões” do protagonista são fundamentais para a recuperação do passado e, podemos nós acrescentar, da mãe. No primeiro sonho que tem com ela e a irmã, Smith observa-as através de uma plataforma superior enquanto elas, no que podia ser o “fundo de um poço”, “uma sepultura” ou o “salão de um navio naufragado”, se afundavam olhando para ele. A sua perceção é a de que as vidas de ambas tinham sido sacrificadas à sua, não havendo “a mínima sombra de censura, nem nos rostos nem nos corações delas, apenas a consciência de que deviam morrer para ele poder continuar vivo, e de que isso fazia parte da inevitável ordem das coisas” (33). O enredo produzido pelo trabalho do sonho permitiu a

Winston aperceber-se da tragédia da morte da mãe, e do desgosto em não a ter correspondido no seu amor, no entanto, a partir de uma *idealização do self*, um mecanismo de defesa maníaco, Winston consegue proteger-se da culpa que inconscientemente sente em relação à morte dela: não foi ele que as matou, mas sim elas que se sacrificaram sem qualquer sinal de ressentimento, pois ele estava num plano superior. A mãe e a irmã são mártires e não vítimas, e Winston está destinado a coisas maiores (prolongar a “herança humana”), pelo que é natural elas darem a vida por si, retirando o peso de cima do seu egoísmo para o colocar nelas.

Num segundo momento o sonho muda de *setting*, e Smith vê-se na paisagem estival com que várias vezes sonha e a que dera o nome de “Terra Dourada”. Julia aparecendo, despe-se e atira a roupa para o chão, num gesto que para ele “parecia capaz de aniquilar toda uma cultura” (34), pertencendo também esse gesto ao passado. Stefaisk (2014), ao proceder à análise dos sonhos de Winston, considera que, não tendo na altura recuperado a memória traumática da sua infância, o sonho se divide em duas partes, retratando ambas a culpa de Winston; primeiro por ter morto a mãe e a irmã que continuamente se afundavam, e depois por ter desejado a sua mãe, a “Terra Dourada” representando o corpo materno, e Julia a mãe erotizada. Complementar à perspectiva de Stefaisk, tendo em conta que “the beautiful lands stand for the loved mother, and the longing with which these lands are approached is derived from our longings for her” (Klein, 1937, p. 335), para além da culpa, na segunda parte do sonho de Smith, está presente o desejo em aceder à terra idílica da sua infância, a saudade que sente da mãe e o anseio em recuperá-la – no fundo, a *ansiedade depressiva*.

Winston não se insere de forma estanque na *posição esquizoparanóide* ou *depressiva*, oscilando entre as duas, todavia na primeira parte da obra a sua dinâmica mais notória é a que Steiner (1992) denomina de *negação da perda do objeto* (D). Os sonhos permitem-lhe entrar em contacto com a *ansiedade depressiva* e os seus desejos edipianos, mais ainda de forma transitória, pois a culpa que sente em relação à morte da mãe é negada de forma maníaca. A personagem consegue lamentar-se, “partia-lhe o coração”, por não ter reciprocado o amor da mãe, mas o quadro cénico está incompleto, pois o egoísmo que juntamente com a sua jovem idade apresenta como justificação, não implica apenas o negar algo à progenitora, mas também o tirar como veremos de seguida. Dessarte, a despeito das tentativas de reparação que, inconscientemente e de forma sublimatória, Winston vai mobilizando, não consegue reparar a mãe nem elaborar o processo de luto, pois se não recuperar a memória traumática não é capaz de reconhecer na totalidade a perda e o papel que sente ter desempenhado nela.

5.2 O Retorno do Passado

Winston estava a dormir com Julia no quarto que alugaram por cima do antiquário, quando, após um sonho passado dentro do pisa-papéis no qual um gesto se evidenciava, acordou lacrimejante com a recordação daquilo que ocultou a si mesmo durante 30 anos. Tudo se passou, quando tinha aproximadamente 11 anos, pouco tempo depois do pai desaparecer, evento este que Winston recorda pior do que a situação caótica e instável que então se vivia (ataques aéreos, o som de tiros de metralhadora, etc.). Face ao desaparecimento do marido, a mãe não mostrou “sinais de surpresa nem de violento desgosto”, operando-se nela, mesmo assim, uma mudança repentina. Perdeu toda a vitalidade e parecia esperar algo inevitável; continuava a funcionar, mas sem um gesto supérfluo “como um manequim a mexer-se por si próprio”. Smith refere não esquecer “o corpo escultural da mãe curvado sobre o fogareiro, mexendo os cozinhados na caçarola. E, acima de tudo, a fome que continuamente sentia, e as batalhas renhidas e sórdidas à hora das refeições” (164), estabelecendo uma ligação entre alimentação, libido e agressividade a partir de uma *oralidade voraz*.

No cenário histórico que Winston descreve quando situa no tempo a sua recordação, o caos de uma revolução política, o que refere como mais memorável era “o facto de nunca haver comida bastante”, levando-o a procurar com os outros miúdos os mais ínfimos e sujos pedaços de comida, por estar sempre esfomeado. Reportando-se a dinâmicas na infância, Klein (1957/1997) afirma que em cenários de privação existe um aumento da avidez e *ansiedade persecutória*, prevalecendo a *fantasia inconsciente* de que existe um *seio* possuidor de todas as riquezas imagináveis, que priva a criança, vedando os seus conteúdos para seu próprio benefício, e levando-a, em resultado do seu ressentimento e inveja, a atacá-lo.

A memória de Winston traz ao presente as discussões recorrentes que na sua infância tinha com a mãe à mesa, exigindo-lhe mais comida do que “o seu quinhão” e sempre recebendo aquilo que pretendia. A mãe, considerando que era natural que ele recebesse a dose maior por ser rapaz, acedia aos seus pedidos, transmitindo-lhe a sensação de que “estava no seu direito” ser beneficiado. Para Stefaisk (2014) é precisamente o comportamento permissivo da mãe, favorecendo-o com a repartição da comida, que introduz o desnível que a personagem apresenta perante os seus familiares no primeiro sonho, mas dado que na avidez toda a satisfação é de curta duração, impelindo a pessoa a continuar a tirar (Klein, 1959/1997), “invariavelmente, por muito que lhe desse, ele exigia sempre mais” (165).

Winston não tinha consideração pelas necessidades das suas familiares, e portanto,

mesmo pesando a escassez de alimentos, o facto de ter uma irmã mais nova que necessitava de comer, e o estado desvitalizado que reconhece na sua progenitora, a personagem incitava disputas “sórdidas”, quer gritando quando ela parava de o servir, quer recorrendo a uma “choraminguice patética”, que acabavam “aos gritos, gemidos, lágrimas, recriminações, regateios” (165), exacerbando ainda mais a fragilidade da mãe e a fraqueza da sua irmã.

Winston não só atacava o objeto para que ele oferecesse mais daquilo que podia, como também se usurpava do que era do outro. Quando, às refeições, a mãe parava de o servir, ele tentava “tirar-lhe das mãos a caçarola e a concha, roubava comida do prato da irmã (...) Entre as refeições, se a mãe não estivesse atenta, pilhava constantemente as magras provisões da prateleira” (165), verificando-se uma premeditação, um roubo secreto - que Riviere (1936) associa ao impulso agressivo da avidez -, e uma destruição que é almejada pela inveja.

O pai desaparecendo, Winston ficou a viver com a mãe e a irmã, mas a pouca energia que a primeira preservava, dedicava à irmã mais nova da personagem. “Passava horas esquecidas sentada na cama, quase imóvel, embalando a irmãzinha de Winston (...) Só muito raramente tomava Winston nos braços e o apertava contra si muito tempo, sem dizer nada” (164). Perante a ausência do pai, em que o filho poderia ter a mãe só para si, este vê-a dedicar-se sobretudo à irmã, despertando a sua inveja e ciúme. De acordo com Segal (1973), a *desvalorização* de um objeto é um modo de o proteger da danificação total que ocorre com a inveja. Winston, naquela altura, um rapaz com cerca de 11 anos, o homem da casa com a voz já a engrossar, retira o valor à sua irmã porque sem ele, não a pode invejar. Não pode invejar uma “miúda enfezadita” (...), com um ar simiesco” (164), contudo, a defesa não é inteiramente bem-sucedida, pois considera a irmã como uma rival que o impede de usufruir daquilo que acha seu por direito, possuindo ela própria certas qualidades (que a levam a ter a atenção e amor da mãe) que o fazem invejá-la e desejar estragá-las.

Atentando a uma das mais antigas recordações de Winston, a procura de um refúgio durante um ataque aéreo, podemos ver o modo como lida com o nascimento da irmã. Enquanto descia pela mão do pai uma escada em caracol em direção ao metro, a mãe vinha mais atrás trazendo “a irmã pequenina ao colo – ou talvez fosse apenas uma trouxa de cobertores: não sabia ao certo se a irmã já então era nascida” (36). O protagonista retira a vida à irmã – não fosse a inveja estar impregnada de *instinto de morte* (Segal, 1973) -, substituindo a sua rival por algo que pode usar em seu próprio benefício, algo com o qual a mãe o pode tapar, proteger e aconchegar. É fácil pensar no cobertor como um *objeto transicional* que

represente a sua relação com a mãe, um símbolo da sua união no momento de separação, que a irmã não existindo não teria de acontecer.

5.3. *O Episódio do Chocolate*

A dada altura foi distribuída uma ração de chocolate, chegando a sua casa uma barra de 2 onças. Winston reconheceu que deveria ter sido dividida em 3 partes iguais, mas a sua fome era tão poderosa que se manifestou num registo despersonalizante, ouvindo-se ele a si próprio “como quem ouve uma voz alheia” exigir o chocolate inteiro. A mãe pediu-lhe para “não ser ganancioso”, o que os levou a discutir, mas ainda assim privou-se da sua parte do chocolate, dando $\frac{3}{4}$ do mesmo ao protagonista, enquanto o restante ficou para a filha. Por momentos, ele olhou para a irmã a segurar o seu pedaço do chocolate, para depois lho arrebatá-la da mão e sair porta fora. A mãe rogou-lhe para voltar e devolver o chocolate, mas ele não o fez. “Nesse instante, ocorreu a tal coisa que não sabia o que era mas estava prestes a acontecer. A irmã, sentindo-se roubada, soltara um gemido. A mãe aconchegou-a no braço, contra o peito. Algo naquele gesto disse a Winston que a irmã ia morrer” (166), mas virou-lhes costas e fugiu. Foi essa a última ocasião em que viu a mãe. Após devorar o chocolate, Winston deambulou um pouco pelas ruas, sentindo-se envergonhado, “até que a fome o trouxe de volta a casa.” Ao regressar à fonte de alimento (a sua casa: a sua mãe), Smith encontrou-a vazia. Tal como o pai antes delas, a mãe e a irmã haviam desaparecido.

Em termos de informação acerca da infância da personagem temos apenas a recordação traumática do desaparecimento dos seus familiares e uma das suas primeiras memórias, no entanto, atendendo a ambos os episódios, podemos constatar uma dificuldade em viver a rivalidade e suportar a triangulação. Winston não manifesta abertura para um *espaço triangular* (Britton, 1989), tendo dificuldade em conceber uma relação com 3 pessoas, em que caiba a possibilidade de observar, observar-se e ser observado pelos outros. O que existe é uma tentativa de eliminar os adversários para se viver a relação dual com a mãe, o objeto amado e desejado. O pai é recordado apenas pela sua forma de vestir e aparência, “moreno e magro, sempre impecavelmente vestido de escuro” (32), o que é estranho tendo em conta que viveu cerca de 11 anos com ele. O pai é o rival no *Édipo direto* do rapaz, mas o que se evidencia é o desejo pela mãe, mulher “alta, escultural”, com um “corpo grande e bem modelado”, e o desaparecimento do pai. O drama da rivalidade não é descrito: temos a presença de uma figura desejada e um oponente que é obliterado, que desaparece.

O mesmo se passou com a irmã, Winston tinha 11 anos e ela 2 ou 3, o que é uma diferença considerável de idades que poderia introduzir uma atitude de proteção e carinho, não esquecendo que sendo de sexos diferentes a demonstração de afeto e o cuidado seriam mais facilmente demonstráveis do que a rivalidade, mas o seu egoísmo, a inveja e ciúme que dela tinha, levaram-no a negar-lhe comida, a roubá-la, e a fugir sabendo que com isso ela morreria. Ademais, as tentativas de reparação e o trabalho de luto parecem direcionar-se somente para a mãe, a irmã é referida apenas como um elemento cénico. Winston não expressa arrependimento, nem se debruça sobre a sua perda em específico. Ela aparece no sonho em conjunto com a mãe, porque desapareceram em simultâneo, mas é apenas a memória da progenitora que lhe parte o coração.

No final da obra, após Winston já ter passado pela maioria dos horrores no Ministério do Amor, tem um sonho feliz em que se encontra na “Terra Dourada” “sentado entre ruínas enormes, banhadas de sol, com a mãe, com Julia, com O’Brien – sem fazer nada, apenas sentado ao sol, conversando sobre coisas amenas” (277). No seu sonho, Winston coloca na paisagem idílica, na infância idealizada, a mãe, o pai idealizado e com quem se identifica, a si próprio e a Julia, a sua companheira, não havendo qualquer sinal da irmã. Fazendo pensar na prova que se passa às crianças do *desenho da família*, Winston inclui na sua imagem onírica os membros familiares amados e exclui a rival que não pretende no quadro. Em suma, a rivalidade e a triangulação na infância de Winston constituíam-se como uma remoção direta dos oponentes, não se vivendo os conflitos da ambivalência referentes a figuras simultaneamente amadas e adversárias, e impedindo que o ciúme diminuísse a inveja que sentia no contexto edipiano. Além disso, a avidez que demonstrava, característica marcante dos seus relacionamentos familiares, é congruente com os ataques mobilizados em fantasia aos rivais, visto que possuíam conteúdos predominantemente orais e a um nível inconsciente, como explica Klein (1959/1997), a avidez pretende devorar o *seio*.

Winston sabia “muito bem que estava a matar à fome as duas” (165), e segundo ele diz acerca da morte dos pais: “Ambos deviam ter sido manifestamente tragados” (32). Não obstante, no dia anterior ao primeiro sonho em que a mãe e a irmã se afundavam em “águas esverdeadas”, Winston relatou um *pictograma* em que “sentiu como se errasse pelas florestas do fundo do mar, perdido num mundo em que o monstro era ele próprio.” (29) O monstro, criatura voraz e destruidora, é ele mesmo, errando no fundo das florestas do mar (as águas esverdeadas) para onde a mãe e a irmã se dirigiam, afundando-se cada vez mais. O facto de se

afofagarem remete também para o primeiro registo que fez no diário, no qual na descrição do filme temos uma *imago* materna na mãe judia e também no barco, um *continente* que foi crivado de balas e bombardeado (as discussões violentas e dilacerantes).

5.4. Desolação e perseguição

Após o desaparecimento da sua família, Winston ficou a sós no mundo, passando a viver numa solidão opressiva na qual surge a *ansiedade persecutória*. No começo e ao longo da obra, a personagem aborda inúmeras preocupações e terrores *paranóides* de lhe lerem os pensamentos, ser apanhado, torturado de forma meticolosa e sádica, e morto com um tiro na nuca, mas como sabemos, tendo em conta o mundo em que vive, não se trata de delírio, pois na Oceânia qualquer indício de desvio do pensamento normativo é letalmente punido, e os procedimentos subjacentes aos encarceramentos são do conhecimento geral, sendo muitas vezes exibidos perante a população (marchas com prisioneiros, enforcamentos, confissões, etc.). Porém, tendo em conta que os dramas do mundo interno coloram as percepções que o sujeito tem do externo, e as *fantasias inconscientes* e memórias influenciam as experiências com objetos externos (Heimann, 1942), é natural que Winston tenha dotado o Partido de uma conotação superegóica que se assegura que lhe irá ocorrer o mesmo que aconteceu aos pais.

Em “*Notes On Some Squizoid Mechanisms*”, Klein (1946/1997) explica que o objeto no qual o bebé projeta a sua agressividade retalia do mesmo modo que foi atacado em *fantasias inconscientes*, seguindo a lei de talião. Os pais foram vaporizados e o terror de Winston é que o mesmo lhe aconteça: “A pessoa era abolida, aniquilada: *vaporizada*” (22). Perante a desertificação do seu mundo interno, a ameaça externa ganha os contornos de uma retaliação pelos ataques que desferiu na sua fantasia aos bons objetos. Para a personagem, as mulheres que despertam mais desejo (representativas da mãe) são as que lhe causam mais aversão, sendo descritas de forma predatória (“devoradoras”, “farejadoras”), e a *clivagem* que faz de O’Brien, o pai admirado, desdobrando-o em Goldstein e o Grande Irmão, é feita de forma oral: num os olhos acolhem e compreendem o seu sofrimento, no outro penetram-no e perseguem-no (“O GRANDE IRMÃO ESTÁ A VER-TE”), sorvem-no tal como a mãe e a irmã foram sorvidas para a morte e o pai tragado.

Tendo uma noção premente do seu próprio fim, a personagem várias vezes se pergunta o que está na sala 101, onde sabe acabarem todos os crimepensantes, e conquanto reconheça que é a pior coisa do mundo, não consegue atingir o seu significado, pois não se quer dar

conta do que é a pior coisa do mundo *para si*. O *recalcamento* da perda da sua família, não impediu que fosse transparecendo, pelo menos na parte da sua vida a que “1984” nos dá acesso, nos seus sonhos, pensamentos, *pictogramas*, e também na fobia que apresenta por ratazanas. Stefaisk (2014), considerando que a fobia de Winston “tem origem ou na abstinência ou na excitação sexual não consumada da personagem” (2014, p. 99), defende que a mesma remete à castração sexual infantil – a menção dos ataques que os animais fazem a bebés sugere que “podem atacar certas partes do corpo também, incluindo o pénis” (2014, p. 102) – e à política de abstinência (castradora) que o Partido tem em relação à vida sexual.

Em “*The Psychoanalysis of Children*” (1932) Melanie Klein sugere que as fobias de animais, mais do que uma distorção, via *projeção* e *deslocamento*, da *ansiedade de castração*, contemplam também o receio de ser devorado pelo *superego*, sendo, portanto, uma modificação das ansiedades mais precoces do ego. A partir do que é dito sobre as ratazanas na obra é possível estabelecer vários paralelismos entre a fobia do protagonista e a memória que, tal como ela, foi recalcada, e assim supor que não é apenas a *angústia de castração* que Winston associa aos roedores, estando também presente o terror de ser devorado.

Nas 2 ocasiões em que as ratazanas aparecem explicitamente na obra são apresentadas com características destrutivas orais, e, como sabemos, na sua recordação de infância, a fome, a insaciabilidade e avidez desempenharam um papel central. Tomando em consideração que o roubo do chocolate das suas familiares, sabendo que com o seu ato a irmã morreria, coincidiu com o desaparecimento de ambas, procurando, posteriormente, voltar para junto da mãe apenas exortado pela fome, faz sentido assumir que ao constatar a ausência das duas, na sua fantasia, Smith tenha sentido que as devorou, i.e. que a sua gula e egoísmo as matou.

Curiosamente, tal como Winston conseguira em criança perceber o estado desvitalizado da mãe e de que a estava a matar a ela e à irmã à fome, O’Brien refere a capacidade dos roedores, a sua “inteligência espantosa”, em determinar o estado indefeso nos humanos. Acresce também, o facto de os animais serem caracterizados como propensos a atacar crianças. Quando no quarto com Julia uma delas coloca o focinho fora de um orifício na parede, Julia diz-lhe que elas são tão perigosas que nalgumas ruas “as mulheres não se atrevem a deixar os bebés sozinhos, nem por dois minutos” (147) – a mãe de Winston também mantinha a filha sempre consigo, agarrada a si -, e quando Winston está na sala 101 com O’Brien, este último completa a descrição de Julia: “As ratazanas atacam-nos sem hesitação. Num ápice, descarnam-nos até aos ossos” (286). O motivo pelo qual a menção dos ataques a

crianças é particularmente ansiogénico para Winston (“*Cala-te!* – pediu Winston, cerrando os olhos com força” (147)), pode prender-se então com a conexão estabelecida com o ódio e inveja que sentiu pela irmã e os seus familiares, que são voltados na sua fobia como algo que vinga os ataques e as mortes que pensa ter causado.

Os medos e preocupações de Winston têm o corolário de resultar em fantasias, em “alucinações”, que surgem em cenários de frustração e que, mesmo não sendo concretizadas em *acting outs*, são de um conteúdo brutal que é expresso de forma crua. Após se recompor do choque de ver Julia, quando ainda não sabia que ela era de confiança, à saída da loja do Sr. Charrington, Winston pensou por momentos em persegui-la até encontrar um “local sossegado para aí lhe esmagar o crânio com uma pedra da calçada” (105). Noutra situação, em que já sabia que Julia estava interessada em si, após uma série falhada de tentativas de se aproximar da sua mesa à hora de almoço, quando o estava prestes a conseguir um rapaz “com cara de parvo” interpelou-o e “Winston viu-se, numa alucinação, a desfazer aquela cara a golpes de picareta” (115). Tudo isto resulta num mundo interno e externo, depauperados de objetos que providenciem segurança a Winston, conttenham as suas ansiedades e compreendam os seus afetos, numa contínua troca de violência que aumenta a sua sensação de insegurança e perigo, e de estar a sós numa clausura.

6 Julia

6.1 Primeiras Impressões

“Trazia uma estreita faixa encarnada, insígnia da Liga Juvenil Anti-Sexo enrolada à volta da cintura, suficientemente apertada para nela realçar a forma harmoniosa das ancas. Winston ganhara-lhe aversão logo no primeiro instante que a vira” (13). A aversão era algo que sentia em relação às mulheres jovens e bonitas que considerava as adeptas mais fervorosas do Partido, caracterizando-as de forma predatória como explicitado no capítulo anterior. Julia, aquando da sua entrada na sala para os “Dois Minutos do Ódio”, é descrita por Winston como jovem e bem-feita, tendo um adereço proibitivo que realça a sua sensualidade. É essa rapariga que ele considera mais perigosa que a maioria, sentindo “um estranho mal-estar em que se misturavam o medo e a hostilidade” na sua presença.

Primeiramente, Winston pondera ser a ortodoxia da jovem e o seu “espírito impoluto” que o fazem ter essa reação, contudo é no auge do ritual, quando desvia o seu ódio para ela, que se apercebe da natureza dos seus motivos. “Perpassaram-lhe pelo espírito alucinações

nítidas, magníficas. Espancá-la até à morte com um cacete de borracha, amarrá-la nua a um poste e cravá-la de setas como S. Sebastião, violá-la e cortar-lhe a garganta no momento do clímax. Além disso, percebia agora porque motivo a odiava. Odiava-a por ser jovem e bonita, e assexuada, porque queria ir para a cama com ela e nunca o fazia, porque à volta da cintura graciosa e flexível que parecia convidar um homem a enlaçá-la, havia apenas a odiosa faixa encarnada, símbolo agressivo da castidade” (18-19).

Na atitude que Winston apresenta acerca das mulheres é visível a ação do mecanismo de defesa da *formação reativa*, que consiste numa atitude contrária a um desejo recalcado, opondo-se ao mesmo (Laplanche & Pontalis, 1971). O desejo que ele sente é tornado em aversão, e hostilidade, e as mulheres erotizadas em perseguidoras agressivas, contribuindo para isso a expectativa de retaliação pelos ataques feitos em fantasia na sua infância à mãe, o objeto amado e desejado, que coincidiram com o seu desaparecimento. A proibição ostensiva da faixa nega perentoriamente a Winston os seus desejos, tornando as mulheres em seres castradores e provocatórios (a negação acentua a sua sensualidade), e fazendo com que invoque, perante a castração, um conjunto de imagens de brutalidade fálica, em que a agressão e a libido se fundem num ataque sádico a Julia.

Na inveja, o ódio é dirigido ao bom objeto, àquele que possui características ou propriedades desejáveis das quais ele próprio desfruta (Greenberg & Mitchell, 2003; Spillius et al., 2011). No caso de Julia, é o facto de Winston se sentir profundamente atraído por si - se é ela a mais perigosa, é lógico assumir que é por ela que tem maior desejo - e por percecioná-la como inalcançável, visto que é “assexuada” e casta (guardando para si as qualidades desejadas), que o leva a desfiar “alucinações” tão violentas. Uma das consequências da inveja é o medo da *retaliação por introjeção forçada* (Spillius et al., 2011), i.e., pelas fantasias acima descritas de se apoderar do corpo de Julia à força, Smith teme que ela faça o mesmo: que consiga penetrar o “absoluto domínio” do seu rosto, e roubar a informação que esconde por trás do mesmo para o denunciar ao Partido. Um dia, enquanto Winston almoçava com colegas no refeitório, teve um “violento sobressalto” ao aperceber-se que Julia o observava, levando-o a constatar o perigo que representava o espião amador, e a questionar-se se a sua face estava inescrutável; já noutra ocasião, em que saía de um local comprometedor, quando se depara com ela, esclarece uma questão: “a rapariga andava a espiá-lo.”

6.2 Katherine e a “mulher da cave”

Um dos registos mais pessoais que Winston faz no seu diário, trata o encontro que teve numa noite há 3 anos com uma prostituta prole, assumindo a escrita um carácter de exorcização que o leva várias vezes a interromper o relato por ser tão difícil lidar com o mesmo. A personagem procura pensar sobre o evento, mas este é tão doloroso que o que pretende é agir violentamente para o expulsar a partir do corpo (“bater com a cabeça na parede, derrubar a mesa a pontapé, (...) Fazer alguma coisa violenta, ruidosa ou dolorosa que apagasse a recordação que o torturava” (68)); não chega a recorrer a um *acting out*, mas pára para esfregar os olhos algumas vezes e tem de se esforçar por não cuspir, e “gritar obscenidades a plenos pulmões”. Winston já não tinha uma “escapadela” há 2 ou mais anos, quando foi conduzido pela prostituta até uma cozinha numa cave, onde um cheiro ficou no seu espírito indissociável do ato sexual, um cheiro “quente e abafado” descrito de forma repulsiva (“misto de percevejos, roupa suja e o abominável perfume barato”), e cativante, pois o perfume era algo nunca usado pelas mulheres do Partido, tal como a maquilhagem, a “brancura de máscara e os lábios muito vermelhos”, da mulher prole que o atraiu.

À medida que vai escrevendo, Winston vai-se recordando da sua esposa Katherine e dos 15 meses que viveram juntos, conferindo-lhe uma bonita figura (“muito direita, esplêndida nos seus movimentos”), mas considerando que atrás do seu rosto nada havia: “ela possuía, sem sombra de dúvida, a mente mais estúpida, banal e vazia que alguma vez lhe fora dado encontrar” (70-71). De acordo com Smith, a sua vida sexual foi determinante para o término da relação, pois para Katherine o ato sexual tinha como único propósito a geração de um bebé, constituindo-se como uma “cerimónia frígida” com dia e hora marcada, para se cumprir o dever para com o Partido. “Mal lhe tocava, ela encolhia-se de susto e ficava hirta (...) mesmo quando ela o apertava contra si, dir-se-ia que estava a repeli-lo com toda a força (...) Para ali ficava deitada de olhos fechados, sem resistir, nem colaborar, submetendo-se apenas. Era estranhamente incómodo e após algum tempo tornou-se mesmo horrível” (71).

Winston revê-se na cave onde a prostituta, sem quaisquer preliminares, arregaçou asaia, sentindo ele “a derrota e o rancor que já então se ligavam à lembrança do corpo branco de Katherine, definitivamente gelado” (71-72). O que para Winston liga as duas mulheres é a derrota e o rancor; Katherine é uma mulher frígida e desvitalizada, “uma boneca de pau articulado” com uma conduta *double bind* (as mensagens conflitantes que passa: o abraço que afasta, o não resistir, nem colaborar) que o deixa horrorizado, antevendo a chegada da

hora marcada. O ato sexual é uma obrigação ditada pela norma e o dever, sem qualquer espaço para o prazer ou a intimidade. A proletária é uma mulher com um rosto impercetível e cujo cheiro imundo atrai Winston, sendo o sexo algo clandestino e feito sub-repticiamente, uma troca comercial que nem permite preliminares. Katherine é gélida, e a “mulher da cave” quente e abafada como a cozinha; ambas usam uma máscara, o rosto de Katherine que esconde a sua estupidez, sendo ela uma “cassete humana” que engole e repete tudo o que o Partido diz, e a prostituta “uma máscara de papelão” que esconde a sua idade.

Quando viu a mulher claramente, estacou “cheio de desejo e terror”, apercebendo-se de que se tratava de uma velha com no mínimo 50 anos. Para ele o mais horroroso era a boca sem dentes, “de uma escuridão cavernosa”, que faz lembrar a própria cave, um local decrépito e escuro, para o qual é atraído para seu grande nojo e arrependimento, em virtude de, na sua fantasia, se terem cumprido os seus desejos edipianos.

A mulher, tendo no mínimo 50 anos, estaria por volta da idade da mãe, e o próprio local onde têm relações sexuais remete para o quarto da sua infância. O quarto onde viviam era “escuro com cheiro a bafio”, ocupando a cama o espaço quase todo; e a cozinha na cave era fracamente iluminada, tinha um cheiro quente e abafado e uma cama encostada à parede. Do seu quarto, Winston recorda também o “fogareiro a gás na lareira, o armário para guardar a comida, e no patamar, cá fora, uma pia de louça castanha que dava serventia a vários quartos” (164), o que o equipara a uma cozinha. É também no quarto que se lembra do “corpo escultural da mãe curvado sobre o fogareiro, mexendo os cozinhados na caçarola” (164), estabelecendo a ligação oral, já discutida, entre libido e alimentação, e permitindo na sua mente a sobreposição destes 2 espaços, quarto e cozinha. O desejo e terror que petrificam Winston quando se apercebe da idade da prostituta reativam a problemática edipiana também por outro motivo: o de ser punido pelo pai. Quando viu a “mulher da cave” claramente pela primeira vez, após avivar a chama do candeeiro, teve a “dolorosa consciência do risco que corra ao entrar ali. Era perfeitamente possível que as patrulhas [*imagos* paternas] o apanhassem à saída” (72), sendo que, na medida que é para O’Brien que escreve, o relato do evento pode procurar obter o perdão paterno.

“Porque é que tinha de ser sempre assim? Porque é que não podia ter uma mulher sua, em vez daquele corpo-a-corpo sórdido uma vez em anos? Mas um amor autêntico parecia-lhe um acontecimento quase impensável. As mulheres do Partido eram todas iguais” (72). Para Winston, o Partido tornou todas as mulheres castas e “inexpugnáveis”, condicionando-as com

sucesso para lhes extinguir “os impulsos naturais”, não acreditando ele que houvesse exceções. “E o que ele, Winston, queria mais ainda do que ser amado, era derrubar essa muralha de virtude nem que fosse uma só uma vez na vida. O ato sexual praticado com êxito prefigurava uma forma de rebelião. O desejo era crime pensar” (72).

O ato sexual para Winston é uma batalha do qual sai derrotado e rancoroso ante o seu objetivo de transpor as muralhas que são as mulheres do Partido. As suas experiências sexuais, aquelas das quais temos conhecimento, são ambas traumáticas, com Katherine por ser servil para com o Partido, e desorganizador (ela incentiva e repele); com a “mulher da cave” por ter concretizado as suas fantasias edípicas, e ser torturado pela vergonha e culpa. Independentemente disso, existe um desejo de um amor autêntico, havendo uma percepção da impossibilidade de tal vir a acontecer.

6.3 Os 3 momentos na orla do bosque

Quando primeiro aparece na obra, Julia é a personificação do controlo que o Partido tem sobre os corpos, a faixa encarnada demonstrando em simultâneo a sua sensualidade e a sua indisponibilidade sexual (Jacobs, 2007), o que a torna uma *imago* da sua mulher, reativando a derrota e rancor em relação à mesma, e despertando o medo da retaliação inerente à problemática edípica e *ansiedade persecutória*. Tudo muda quando Julia lhe passa um papel que diz “Amo-te”, passando a ser a principal preocupação de Smith encontrar-se com ela. Ele pensara que ela era como as outras mulheres, mas com a entrega do bilhete, é como se Julia retirasse a faixa encarnada e ele, esperando “um ventre de gelo” como o de Katherine, ficasse antes com “as entranhas a arder”. Da ponderação em assassiná-la de forma brutal, vem a “febre ao pensar que podia perdê-la, que aquele corpo jovem e branco podia fugir-lhe” (113), temendo que mudasse de ideias se não entrasse em contacto com ela.

Quando durante 3 dias não viu a rapariga, imaginou várias hipóteses dramáticas que explicassem o seu desaparecimento (dentro das quais o assassinato e suicídio), mas “pior e mais provável que tudo, podia ter simplesmente mudado de ideias, decidindo evitá-lo” (114). Tendo em conta que a ânsia ou avidez em possuir algo que o sujeito percebe como bom, não se prende apenas com a gratificação que daí advém, cumprindo as funções defensivas apresentadas nos conceitos operatórios, para Riviere (1937) qualquer tipo de perda demonstra que não se merecem coisas boas e concretiza os piores medos do sujeito. Quando Winston deixa de ver Julia durante 3 dias, o pavor que sente deve-se ao facto da sua ausência ser um

modo de o evitar; ele, por si mesmo, não tem qualidades que garantam o seu afeto, não é merecedor ou digno de ser amado, e como tal é imperiosamente necessário encontrar-se com ela, pois o seu amor é apenas temporário e tem de ser imediatamente tomado. Mesmo quando estão juntos, Winston sente a necessidade de se certificar que ela consegue olhar para si (“E tu, agora que vês bem como eu sou, ainda consegues olhar para mim?” (123)), como se fosse algo repelente e repulsivo, e não fosse possível ela estar interessada.

Não se trata, contudo, apenas de avidez. Existe uma inferioridade, e impotência em relação às mulheres, que podemos associar à inveja para com a mãe na *posição feminina*. Quando conseguem encontrar-se pela primeira vez na orla do bosque, as características femininas de Julia que o levam a desejá-la (o seu corpo jovem e branco, a “curva das suas ancas”), fazem-no também sentir o “peso da sua própria inferioridade”. Winston sente apenas o contacto, “incredibilidade e orgulho”, não conseguindo no primeiro momento ter relações sexuais com Julia. “Era demasiado cedo, a juventude e beleza dela tinham-no intimidado, ou então ele já se habituara a viver sem mulheres” (124).

Se uma vez mais olharmos para as fantasias de Winston – que contêm muito pouco de sexual, imaginando-se ele a violar e assassinar Julia (Jacobs, 2007) -, agora sob uma nova luz, verificamos a raiva narcísica, não só pela proibição castradora da faixa, mas também pelo rancor associado a Katherine, e pela inferioridade e impotência perante as mulheres, resultando em fantasia, numa crueldade em que o sentimento de pequenez e a derrota, de forma maníaca, se transformam num triunfo em que se ataca o corpo desejado, e se destrói a muralha “inexpugnável” que são as mulheres do Partido.

Num segundo momento, Julia conforta Winston sobre o sucedido, e este sobressalta-se ao aperceber-se das semelhanças entre a paisagem do campo e a “Terra Dourada”, ficando, depois, ambos fascinados ao escutar o canto de um tordo. “Parou de pensar, para sentir apenas. A cintura da rapariga, na curva do seu braço, quente e macia. Puxou-a para si de modo a tê-la junto ao peito; dir-se-ia que o corpo dela se fundia no seu. Tudo o que as mãos dele tocavam era dúctil como água. As bocas uniram-se num beijo muito diferente dos beijos hirtos pouco antes trocados.” (128) O protagonista sussurrou-lhe ao ouvido que estava pronto, mas Julia dizendo que ali não era seguro encaminhou-o de volta ao esconderijo.

No último momento que passam no bosque, Julia revela-lhe que tivera relações sexuais dezenas de vezes com membros do Partido, o que o deixa entusiasmado, desejando que tivessem sido centenas ou milhares, pois tudo o que indiciasse “corrupção enchia-o sempre de

louca esperança” (129). Pensando com prazer que se pudesse infetaria os membros do Partido “com lepra ou sífilis”, Winston puxa Julia para junto de si e diz-lhe que quantos mais homens ela tiver tido, maior o seu amor por si, porque deseja que todos sejam corruptos, ao que ela aquiesce, confessando-lhe adorar ter relações sexuais. “Era precisamente o que ele queria ouvir. Não o mero amor humano, mas o instinto animal, o simples desejo indiscriminado: essa força que havia de destruir o Partido” (129).

Depois de fazerem amor, olhando para a rapariga, Smith sente piedade e proteção para com ela, mas não consegue sentir a ternura que tivera enquanto ouviam o tordo. “Antigamente, pensou, um homem olhava para o corpo de uma rapariga, achava-a desejável, e pronto. Mas agora já não podia haver amor puro ou puro desejo. Nenhuma emoção era pura, pois em tudo se infiltrara o medo e o ódio. O enlace dos seus corpos fora uma batalha, o clímax uma vitória. Um golpe contra o Partido. Um acto político” (130).

Stefaisk (2014) salienta a ligação cultural entre a “Terra Dourada” e a Idade de Ouro, representando esta última, o estado puro, ideal e utópico da humanidade. Foi aí que Winston e Julia estiveram enquanto escutavam juntos o canto do tordo, numa paisagem que esbateu as barreiras entre o real e o onírico, permitindo-lhe desfrutar de um momento de puro amor e desejo, sentindo que os seus corpos se fundiam, confundindo-se o seu com o de Julia.

No terceiro momento, o sinal de corrupção que enche Winston de louca esperança, o facto de Julia já ter estado com vários homens antes dele, mostra que o Partido apresenta vulnerabilidades, e que, se não for possível destruí-lo, pode, pelo menos, ser danificado. A mudança de ambiente e as revelações que Julia lhe faz, apesar de terem o condão de o excitar, usando-nos das expressões da personagem, corrompem o momento de pureza que antes experienciara, e que após fazer amor com Julia julga impossível nos dias que correm. Quando trocaram de sítio a relação tornou-se funcional e, operando-se uma instrumentalização do corpo da rapariga, a derrota e rancor que associava ao ato sexual, inverteram-se ante a possibilidade de corrupção, tornando-se em triunfo. Na emoção pura que experienciara antes, infiltrou-se o medo e ódio pelo Partido, e o desejo que previamente tinha pelo corpo de Julia, pelo simples facto de ser desejável, tornou-se num ato político, perdendo-se com isso a ternura antes sentida. A diferença entre Julia e Winston (que os faz parecer por vezes a personificação da *pulsão de vida e morte*, respetivamente), é que para ela o ato sexual é uma forma de se divertir e se sentir bem, e para ele, um modo de se rebelar e destruir o regime que detesta. Dado que a sexualidade apresenta um intuito destrutivo, de contaminar e infetar com

doenças corrosivas e nefastas (lepra e sífilis), a piedade e proteção que descreve em relação ao corpo de Julia após terem relações sexuais são o resultado da *formação reativa*, sendo o ato sexual e Julia instrumentos para cumprir os seus desejos de insurreição.

6.4 Determinismo e Plasticidade Psíquica

Julia é uma personagem bastante sexualizada, mas que cedo mostra o seu lado ternurento e reassegurador. O encontro na orla do bosque tinha como objetivo encontrar um sítio onde pudessem ter relações sexuais, mas quando Winston, no primeiro momento, não consegue sentir “desejo físico”, não é ressentimento nem frustração que demonstra: acalma-o, e aninhada a ele, pergunta-lhe o que acha do esconderijo, mudando de assunto para o poder pôr à vontade. Enquanto conversavam, Julia tirou a faixa e depois “como se o facto de ter levado as mãos à cintura lhe lembrasse alguma coisa, remexeu no bolso do fato-macaco, de onde tirou um chocolate. Partiu-o ao meio e deu metade a Winston” (125).

Não tendo ainda nesta altura recuperado a memória da mãe e da irmã, existem marcadas diferenças entre o que aconteceu na infância de Winston e no *aqui e agora* com Julia que lhe permitem viver uma situação semelhante de forma diferente. Smith que conseguira que a mãe, que tencionava dividir o chocolate em 3 partes iguais, lhe oferecesse a sua, roubou a parte da irmã, apoderando-se da totalidade do chocolate para depois fugir com ele. Aqui, Julia retira o chocolate do bolso da cintura, como se o tivesse guardado no ventre, como em *fantasias inconscientes* seria possível que a mãe guardasse dentro de si todas as riquezas, e reparte o chocolate em 2 partes iguais, dando uma delas a Winston.

Julia desempenha um papel materno, neste caso de acarinhar e mimar, mas não dando “mais do que o seu quinhão”. É uma relação diferente, simétrica, em que Winston não está acima dela e ela umas quantas braçadas abaixo e a continuar a afundar-se, constituindo-se como uma nova experiência que permite o reelaborar inconsciente da dinâmica da relação com a mãe, mas de uma forma adulta, numa nova relação com uma outra pessoa que não ela, e que acarinhando estabelece ainda assim os limites.

O princípio do *determinismo psíquico* refere-se à “relação causal entre a actividade mental presente do desejo, do pensamento ou do comportamento – com os seus aspectos conscientes e inconscientes – e toda a experiência passada da pessoa” (Schlossman cit. por Abreu-Afonso & Oliveira, 2018, p. 32), de sorte vários outros aspetos das relações objetivas passadas de Winston vão aparecendo no relacionamento com Julia, mas desta feita, visto que

o *determinismo psíquico* não nega a plasticidade e possibilidade de mudança (Abreu-Afonso & Oliveira, 2018), vão sendo elaborados e transformados pela e na relação.

No seguimento de um tempo em que se encontraram em poucas ocasiões, Julia voltou a cancelar os planos, deixando Winston com uma “profunda raiva”. Desde a primeira à segunda vez em que tiveram relações sexuais que a natureza do seu desejo mudara, primeiramente um ato político com pouco de sexual, depois uma necessidade em que as características sensuais de Julia passaram a viver dentro dele. Semelhante ao que ocorria na sua infância quando achava que estava no seu direito apoderar-se da comida, Julia tornou-se “uma coisa que ele não apenas queria, mas a que achava ter direito” (142), e tal como quando a mãe parava de lhe servir comida, quando Julia adiou o encontro, “sentiu-se roubado”.

Subitamente devido a um empurrão da multidão as suas mãos encontraram-se, e Julia apertou-lhe os dedos “num gesto que parecia pedir, não desejo, mas afecto. Winston pensou que quando um homem vivia com uma mulher, aquele motivo de frustração talvez fosse um acontecimento normal, recorrente; e invadiu-o uma repentina ternura, como nunca antes sentira por ela. Desejou, acima de tudo, que tivessem um sítio onde estar juntos, a sós, sem se sentirem obrigados a fazer amor sempre que se encontrassem. Não foi logo aí, mas no dia seguinte que ocorreu a ideia de alugar o quarto do Sr. Charrington” (143).

A raiva profunda de Winston por se sentir roubado, e que resultava de uma frustração sexual, ao encontrar algo mais do que o desejo é colocada num contexto, o de um casal, em que é normalizada e solucionada. Até então aquilo que Smith fazia quando se sentia roubado era roubar ele mesmo, mas quando o próprio toque de Julia parece pedir, dá-se uma mudança abrupta. “One major derivative of the capacity for love is the feeling of gratitude” (Klein, 1957/1997, p. 187), pedindo afeto, Julia mostra que o interesse por ele é mais do que sexual, mais do que, como ele próprio diz a dada altura, o “instinto animal”, e, na medida em que a gratidão está intimamente relacionada com a generosidade e o sentimento de possuir uma riqueza interna que pode ser partilhada (Klein, 1957/1997), com o pedido de Julia, Winston dá-se conta de uma ternura nunca antes sentida, de algo que pode e quer dar, dissipando-se a avidez e inveja que sentira imediatamente antes, e as suas ansiedades quanto ao facto de não possuir valor para despertar o amor de Julia, permitindo-lhe viver uma reciprocidade até aí inconcebível (“coisas assim não acontecem na vida real.” (116)).

Até esse momento, aquilo que de Julia vivia dentro si, ou no ar que o rodeava, eram as características que o excitavam e faziam desejá-la, permanecendo a relação funcional – o

corpo de Julia podia ser uma muralha a transpor, um campo de batalha, um meio de infetar e derrotar o Partido, ou algo que lhe pertencia. Pesando o facto do motivo da zanga de Winston ser sexual, é particularmente curioso que com o pedido de afeto, ele deseje um sítio onde não se sintam obrigados a ter relações sexuais só porque estão juntos. À vista disso, é como se Julia tivesse alargado o campo de ações e possibilidades da relação, apercebendo-se Winston dos seus próprios afetos, e existindo agora tanto desejo sexual como de intimidade. Por outras palavras, a vivência de um momento de gratidão e reconhecimento de reciprocidade, que levou à descoberta de uma riqueza interna, permitiu a Winston acolher o ♂ de Julia, num relacionamento ♀♂ comensal, que a partir da sintonia experienciada criou um terceiro: a abertura de um espaço mental, que encontra o seu equivalente físico no quarto, do qual ambos podem desfrutar e viver a sua relação que se tornou mais completa.

6.5 O quarto por cima da loja do Sr. Charrington

O momento vivido com Julia no meio da multidão permitiu a criação de um espaço, e subsequentemente o encontrar – neste caso reencontrar, pois Winston já sabia da existência do quarto - de um lugar. Acerca dos 2 conceitos, Viera (2005) define os lugares como físicos, estáveis e orgânicos, enquanto os espaços, como referentes da individualidade e subjetividade do sujeito, são maleáveis, tendo as suas fronteiras em mutação.

Tendo já conhecimento do quarto, da disponibilidade em alugá-lo, e havendo pensado antes em fazê-lo, Winston não o menciona como possível local de encontro para os seus *rendez-vous* com Julia, até ao momento descrito no subcapítulo anterior. Com o acidental encontro das mãos, a divisão por cima do antiquário reapareceu na mente de Smith como um espaço que poderia ser co-habitado, e desse modo, os vários encontros que teve com Julia em que a foi conhecendo um pouco melhor, e acima de tudo reconhecendo a sua subjetividade – como uma pessoa diferente das outras mulheres do Partido e do seu passado (a mãe, Katherine e a prostituta prole) -, foram coroados com a criação de um espaço em que seria possível viver a intersubjetividade. Ou seja, do “eu” e “tu” para o “nós” e “nosso”.

O quarto assume-se também como um palco onde vários dramas do passado do protagonista são encenados, mas com diferentes protagonistas e desfechos. O episódio da prostituta, traumático pela concretização das fantasias edipianas, é recordado quando Julia, na primeira ocasião em que frequenta o quarto, traz uma série de alimentos dentro dos quais café, para Winston uma “autêntica emanção da sua primeira infância” (144), e se perfuma e

maquilha para ele (“Lembrou-se da semiobscuridade de uma certa cozinha, numa cave, e da boca cavernosa de uma mulher” (146)). Ainda assim, o que antes era um trauma que impelia à descarga pelo corpo (cuspir, bater com a cabeça), agora “parecia não ter importância.”

Revelando o carácter potencial do quarto, Julia diz que nele será mulher “e não a camarada do Partido”, sendo essa mulher que entra no quarto com a melhor comida que encontrou para ambos desfrutarem, procurando surpreender o amante com a sua nova forma de se arranjar. Klein (1937) postula que, diminuindo-se a culpa associada às *fantasias inconscientes* edipianas, a pessoa consegue transferir e viver esses desejos com outros que não os pais. “That is to say, only if the individual has grown up in the real sense of the word can his infantile phantasies be fulfilled in the adult state” (p. 317). Tomando em consideração a vergonha intensa que marcou o seu encontro com a prostituta, apesar de Julia desempenhar um papel materno, alimentando e apaparicando Winston, usar a mesma fragrância que a “mulher da cave” e fazer referência aos percevejos que deveriam estar no colchão onde se iam deitar (os percevejos associavam-se ao perfume da proletária), é com Julia que ele se deita, não sentindo vergonha pela primeira vez que está com ela, despindo-se na totalidade. Em suma, o que antes era alvo de uma equivalência dolorosa e vergonhosa é agora sublimado e integrado numa pessoa que é reconhecida na sua diferença e subjetividade.

Em concordância com os desejos que havia expressado anteriormente, Winston liberta-se do sentido de obrigação que associava ao ato sexual, resultante da dinâmica frígida e utilitária de Katherine, e da avidez que o levava a arrogar-se de Julia como um direito, podendo viver a sua sexualidade num espaço flexível que lhe permite articulá-la com as restantes vivências de um casal, numa temporalidade liberatória em que a escolha é uma realidade que imprime bem-estar. Ao acordar e dar-se conta da cena da qual era parte integrante, Winston, vive outro momento de gratidão, perguntando-se se era habitual “um homem e uma mulher despidos estarem assim deitados na cama, (...), fazendo amor quando lhes apetecia, falando do que lhes apetecia, não sentindo a menor obrigação de se levantarem, simplesmente ali deitados, escutando os ruídos tranquilos provenientes do exterior” (146-147), mas nem mesmo no passado tal lhe parecia plausível ter sido vulgar.

De forma simbólica, remetendo para a porosidade das barreiras entre os espaços (Çelikkol, 2018), e para o final da obra, uma ratazana coloca o focinho no quarto, deixando Winston reduzido à imobilidade e ao pânico. Para ele, os roedores são a “coisa mais horrível do mundo”, mas apercebendo-se da sua reação, Julia consegue transformar a sua *angústia de*

morte em algo comportável. Encostando-se a ele, apertando-o “com os braços e as pernas como para o reconfortar com o calor do corpo” (147), Julia permite-lhe emergir do pesadelo em que frequentemente mergulhava, como ali fizera, ao transpor o “muro de trevas” e deparar-se com a “coisa insuportável, demasiado pavorosa para ser enfrentada” (148).

Na última etapa da tortura de Smith, O’Brien diz-lhe que os roedores são “uma forma de pressão” a que ele não consegue resistir, no entanto, na ocasião em que está no quarto, o ambiente de *holding* providencia-lhe uma linha de segurança táctil, o calor e toque do corpo de Julia, que descomprime o seu terror, impedindo-o de cair pelo vazio como acontece na sala 101 perante a mesma situação. Para além do efeito calmante propiciado pela sensorialidade, Julia usando a função materna, apercebe-se da situação ansiogénica, tranquiliza-o quanto ao facto de estar assustado (“Não te rales querido, não vamos deixar esses bichos nojentos andarem por aí...” (148)), e propõe uma solução para o problema (tapar o buraco com serapilheira), que permite que o “instante do pânico negro” passe. “Agora, com aquele esconderijo seguro, quase uma casa, não lhes custava tanto só poderem encontrar-se raramente e por poucas horas. Importava mais a existência daquele quarto por cima da loja de velharias; saberem que os esperava, inviolado, valia quase tanto como lá estar. O quarto era um mundo, um refúgio do passado onde sobreviviam animais extintos” (153).

A relação ♀♂ comensal permitiu a abertura de um espaço mental que sendo vivido e desfrutado, havendo uma predominância de experiências positivas, é introjetado como um “refúgio” e um “santuário”. Com o quarto dentro de si, Winston prospera e melhora, perde o hábito e a necessidade de beber, engorda, a sua úlcera melhora e os ataques de tosse desaparecem. “A vida deixara de ser intolerável, nunca mais tivera vontade de fazer caretas ao telecrã ou de praguejar em altos berros” (153).

Se atentarmos ao conjunto de metáforas usadas por Winston ao longo da obra e aos espaços a que faz menção - o túmulo, a gruta, o salão do navio naufragado, a cozinha na cave da prostituta prole, a estação de metro da sua primeira recordação, e a própria sala 101 onde será torturado – damo-nos conta que remetem para espaços subterrâneos, claustrofóbicos, escuros e que traduzem um estado moribundo, de queda e falta de ar (semelhantes ao que num sonho atribui à mãe e irmã). Sumariamente, *pictogramas* que traduzem o seu sentir, assim como os *derivados narrativos*, os seus sonhos e a escrita, por exemplo, que retratam a sua culpa, vergonha, solidão e desejos. A partir da relação com Julia, um novo espaço é criado, um quarto que sendo fechado, não sufoca, mas contém; um espaço acolhedor que,

internalizado, traz segurança e bem-estar. Em termos simbólicos, é como se o quarto tivesse os seus alicerces na *parte não psicótica da mente* de Winston, dando força às *partes saudáveis*, ao ponto de lhe retirar algumas manifestações do seu mal-estar, e opor-se aos outros espaços internos, à “impressão de penetrar na atmosfera húmida de um túmulo” (162).

Para Viera (2005), o espaço mental de Winston é um espaço de memória e resistência, sendo no quarto onde se opera a sua verdadeira insurreição, a partir da criação de um espaço de Utopia no contexto distópico da Oceânia, e cuja celebração triunfal é comparável à que Virginia Woolf assinala em “*A Room of One’s Own*” acerca do novo espaço das mulheres. A conquista de espaço não se cinge ao físico, geográfico e social, visto que psiquicamente vai havendo um crescimento e expansão do mesmo (Viera, 2005), assim como da relação.

Até agora as relações de Winston caracterizaram-se por serem duais com uma dificuldade em viver e integrar a triangulação: a relação entre os pais é mencionada apenas de maneira a mostrar o quão a mãe foi afetada pelo desaparecimento do marido; existe inveja da atenção que a mãe devotava à irmã e uma tentativa de a eliminar da relação; o chocolate não é passível de divisão em 3 partes; com Katherine a tentativa de criação de um bebé, é vivida como algo horroroso e stressante; e as relações com O’Brien e Julia são, elas mesmas, duais. O que inicialmente apenas era concebível como um espaço para si, para estar na “solidão absoluta, na segurança absoluta” (101), evoluiu de modo a integrar e promover uma relação dual segurizante e *suficientemente boa*, mediante a qual se abriu o espaço para um terceiro. É no quarto que Winston fala pela primeira vez a Julia da “estranha intimidade” que ele pensava existir entre si e O’Brien, e do desejo de lhe pedir ajuda para se rebelar e juntar à Fraternidade, sendo que quando vai a sua casa para efetuar esse pedido leva Julia consigo.

A triangulação vivida em casa de O’Brien, em que Winston interage com ele, com Julia, e observa as interações entre os dois, permitem-lhe aprofundar o compromisso que pretendia para fazer parte do movimento de oposição ao Partido e ao Grande Irmão, possibilitando também um aprofundar da relação com Julia, visto que para além de amantes se tornam em parceiros que partilham uma causa.

6.6 O diário e o desejo sexual

Voltando uns passos atrás, as 2 formas que Winston encontra para se rebelar são a escrita no diário e o desejo sexual (Çelikkol, 2018), porém, com o aluguer do quarto físico, e a *introjeção* de um mental, a sexualidade ganha um novo sentido que não o instinto que

derrubaria o Partido, pois torna-se parte integrante de uma relação amorosa. O intento político e revolucionário que a personagem colocava antes na sexualidade, esbate-se, integrando-se o desejo e o ato sexual numa relação com predominância do *vínculo L*, em que o desejo é para com Julia e não para com a queda ou corrupção do Partido. O próprio diário, que na primeira parte da obra é fulcral, não é mais mencionado pela personagem. Não sabemos se continuou a escrever, e se o fez sobre o quê, mas se tal não aconteceu, podemos encontrar a justificação (1) no facto de abordar com Julia todos os temas que procurava perceber com o diário, (2) e na passagem em que lhe fala sobre Katherine. “Winston começou a contar-lhe a história da vida conjugal, mas curiosamente ela parecia já saber quase tudo (...) De resto, Katherine já deixara de ser uma recordação dolorosa, tendo-se tornado apenas desagradável” (135-136).

Recordando-nos da ocasião em que Winston descreveu no seu diário o encontro com a prostituta e a vida conjugal com Katherine, não foi possível, como pretendido, elaborar os afetos associados às memórias, pois os tópicos, tão árduos para ele tocar, obrigaram-no a interromper o relato por várias vezes, de modo a não ceder a passagens ao ato violentas com as quais poderia expulsar as suas experiências. Para Ferro (1996/2000), os *elementos balfa*, *elementos β* parcialmente metabolizados, foram já sujeitos a uma ruminação pré-digestiva que não foi concluída, podendo depois ser transformados pela *função α*. Winston procurou pensar as suas experiências a partir da escrita, mas pela intensidade das mesmas não as conseguiu elaborar (*balfa*), todavia, quando fala com Julia sobre a mulher, encontra alguém que compreende e valida o que viveu. É como se o ♂ que procurou um ♀ no futuro e em O’Brien (os destinatários do diário), o encontrasse em Julia, e subitamente “não custava falar daquelas coisas”. Munido de uma relação alfabetizante (*K*), Winston consegue digerir as experiências que antes não foi capaz, diminuindo a intensidade dolorosa da recordação que se tornou apenas desagradável, e transformando traumas em experiências de vida.

6.7 Divergências

É nas conversas e nos temas abordados que Winston revela ambivalência em relação a Julia. Por um lado, de forma taxativa e sagaz, ela aborda as questões de uma maneira que ele não consegue (“Ao contrário de Winston, compreendera o sentido oculto do puritanismo sexual do Partido.” (136)), surpreendendo-o e revelando-lhe novas formas de olhar as coisas; por outro, o facto de não ser tão influenciável pela propaganda partidária, desperta nele “certa inveja” e irritação, visto que ela “só punha em causa os ensinamentos do Partido quando estes

de algum modo a afectavam na sua vida pessoal” (156).

Até agora foi enfatizado o *vínculo L e K* na relação com Julia, mas muitas vezes nas suas conversas existe uma dissonância, como se falassem duas línguas diferentes, em que predomina o *vínculo H*. Winston ressent-se da falta de interesse e sobretudo denota-se a inveja pela perspicácia de Julia, que é como se estivesse mal aplicada, as suas ideias “não têm alcance”, possuindo “muito pouca consistência” e carecendo de imaginação; e Julia acha-o soturno e aborrecido, adormecendo quando ele começa a falar do Partido.

Melanie Klein (1928/1998, 1932) considera que os sentimentos despoletados pela *fase feminina* (ódio, inveja, inferioridade e ansiedade), podendo resultar numa competitividade para com as mulheres, são compensados pelo rapaz através do reforço no seu orgulho em possuir um pénis, deslocando-se depois esse orgulho para o plano intelectual, o que sinaliza que a inveja das capacidades parturientes da mulher se vive depois no plano epistemofílico. O foco de Winston nos “meandros da doutrina do Partido”, que nenhum interesse despertam em Julia (“Sabia quando aplaudir e quando apupar e chegava!” (159)), conferem ao seu discurso uma condescendência e superioridade que permitem combater o não saber, que Klein (1928/1998) equipara à castração, numa tentativa de instruir Julia em que assevera a sua superioridade intelectual. “Não percebes que o passado, incluindo já o dia de ontem, foi completamente abolido? (...) Eu sei, claro, que o passado foi falsificado; só que nunca terei a possibilidade de o provar” (158).

“Com Julia, todos os caminhos iam dar à sua própria sexualidade” (136), sendo ela apenas “rebelde da cintura para baixo” de acordo com o protagonista. O principal ponto de divergência e desentendimento nas suas conversas é o modo como se posicionam e agem perante o Partido, Julia querendo viver e divertir-se (“Quando fazes amor estás a gastar energia; e a seguir sentes-te bem e estás-te lixando para o resto” (136)), e Winston ambicionando, ainda que muitas vezes recaindo no plano teórico, destituir a ordem do Partido e compreender os seus comos e porquês.

No começo deste capítulo abordámos o facto de, a partir da *formação reativa*, o desejo de Winston pelas “camaradas” do Partido se transformar em hostilidade, surgindo, no paroxismo do ritual do ódio, fantasias maníacas de grande violência em que se triunfava sobre o corpo de Julia. De acordo com McWilliams (2005), uma forma mais rigorosa de definir a *formação reativa* do que a conversão de uma emoção no seu oposto, é a de que funciona como *negação* da ambivalência, convencendo-se o sujeito de que vive apenas um polo de uma

resposta emocional complexa. Se pela última vez, atentarmos ao que Winston imaginou nos “Dois Minutos do Ódio”, tomando em conta que o triunfo, ligando-se à onipotência, permite negar os sentimentos depressivos de se dar valor ao objeto (Segal, 1973), vemos que as suas fantasias despertaram apenas uma resposta do polo agressivo, não se sentindo o depressivo, que surge apenas mais tarde e intensamente quando sente não ser merecedor do amor de Julia.

Assim sendo, as alucinações de Smith, no início da obra de uma brutalidade onipotente – não esquecer que os ataques feitos em fantasia pelas frustrações vividas dentro do seio familiar coincidiram com o desaparecimento da família -, amainam, encontrando uma relação em que podem ser vividas, podendo, desse modo, o *vínculo H* ser experimentado de uma forma segura, porque não destrói o objeto. Winston passa a ver Julia de forma ambivalente, e nessa lógica pode sentir inveja da sua perspicácia, mas também admira a presteza do seu raciocínio; pode ressentir-se da sua falta de interesse “pela vida pública” e por isso conservar “a saúde de espírito”, mas também gosta e está grato por viver e conversar com ela. No fundo, pode odiar Julia, porque também a ama e é amado por ela.

6.8 *Reparação e trabalho de luto*

Durante metade da obra, Smith não conseguiu reaver uma recordação da sua infância, pois, embora desejasse recuperar um gesto do seu passado, gesto este que aparece na ação da mãe judia, simbolizando a sua mãe e as circunstâncias da sua morte, a culpa que sente pelo que lhe aconteceu é muito intensa para permitir isso. Winston não assassinou ninguém na sua família, nem de modo algum contribuiu para o seu desaparecimento, visto que na sua infância, na altura em que localiza a sua última recordação, os desaparecimentos começaram a ser comuns. Para além disso, como defende Stefaisk (2014), os desejos de que os seus familiares morressem não se referiam a uma morte real, mas sim à conceção infantil de morte (de acabar ou desaparecer e não de marcar o fim da vida), para poder usufruir daquilo que julgava seu por direito, contudo, por a mãe ter efetivamente desaparecido, Winston culpabilizou-se durante 30 anos pelo sucedido. Como diz a Julia, após recuperar a recordação: “Sabes que até este instante eu estava convencido de ter assassinado a minha mãe?” (163).

O protagonista reconhece não ter morto a mãe, mas tê-la assassinado na sua mente (“Não assassinei. Pelo menos fisicamente.” (163)), ao desejar o seu desaparecimento e da irmã, e ainda que não conseguindo, durante décadas, recordar-se do que acontecera, houve uma identificação com o estado delas. Steiner (1992) diz que na *negação da perda do objeto*,

o enlutado procura possuir e preservá-lo, identificando-se com ele e o seu destino (se o objeto morre então terá de morrer com ele), e como refere Stefaisk (2014), Winston não tem dúvidas desde o começo da obra que será “vaporizado” como os pais, cometendo crimes e infrações que sabe serem puníveis com a morte. Para além do mais, a primeira imagem da mãe e irmã retrata-as num estado moribundo, em contínua descendência até ao fundo do mar, sempre a afogarem-se, mas ainda com “ar no salão”, como se Winston não pudesse permitir que efetivamente morressem, e partilhasse com a mãe a falta de vitalidade – ela um manequim que se mexe por si próprio e ele um “fantasma solitário”.

A procura simbólica do passado de Winston, a procura da sua mãe, não permitiu a elaboração do processo de luto porque a perda não foi conscientemente reconhecida, mas porquanto tenha sido sentida de forma inconsciente, contribuiu para o caminhar da *negação da perda do objeto*, a morte da mãe, para a experiência da mesma. É no quarto, num ambiente seguro e contentor que foi introjetado, e na companhia de alguém amado que Winston de novo sonha com a mãe, ligando-se a esse sonho a recordação que para ele era e é tão dolorosa.

A partir dos relacionamentos e investimentos que faz na realidade e em fantasia com Julia e O’Brien, Winston descobre objetos que preenchem o seu mundo interno e externo, dando-lhe segurança e evolvendo a solidão que antes sentia tão intensamente, possibilitando o reelaborar do *Édipo*, com a abertura do espaço para a triangulação, e da *ansiedade depressiva*. A relação com Julia, em específico, uma relação *suficientemente boa* em que se reconhece a ambivalência, e se mudam dinâmicas objetais passadas, possibilitou uma melhoria da relação com o mundo (melhorando a sua saúde física e mental) e a *introjeção* de um objeto completo com o qual predominam as experiências positivas - condições necessárias para que o ego mais forte e íntegro possa sentir o desespero, culpa e remorsos, e mobilizar tentativas de reparação para os elaborar (Klein, 1935/1998, 1940/1998).

A personagem revela, na primeira parte do livro, fantasias e tendências agressivas, por exemplo quando pontapeia o coto de uma mão após uma explosão na rua, que acabam por nublar a existência de uma sensibilidade incipiente, que se desenvolve ao longo da narrativa. Já no começo da obra, Winston mostra-se extremamente sensível aos “gestos” das outras personagens, conduzindo a procura do gesto codificado na ação da mãe judia ao arrependimento e culpa pela falta de humanidade que demonstrou no dia da explosão, pelas ações da sua infância, e à piedade e sacrifício necessários para proteger a pessoa que ama.

Apercebendo-se da associação entre a mãe judia que viu no cinema e a sua própria

mãe, Winston comoveu-se pela demonstração, reflexa, de amor contida nos seus gestos, que contra qualquer esperança se evidenciaram para proteger os filhos (“Quando se amava alguém, amava-se e pronto, e quando não havia mais nada para dar, dava-se amor” (167)), e conseqüentemente, ele próprio, procura esboçar um gesto protetor para com Julia. Explica-lhe que nada do que fizerem os impedirá de morrer, e que não há nada que possam fazer para se salvarem um ao outro, mas o que verdadeiramente importa é não se traírem. Esta tentativa de reparação é diferente das anteriores, pois reconheceu-se a *ansiedade depressiva*, e é o amor por Julia, por Julia e pela sua mãe, que o impele a protegê-la. É ao identificarmo-nos com a pessoa amada que nos podemos sacrificar por ela, e desempenhar em *fantasia inconsciente* o papel que os pais desempenharam na nossa infância, reparando também os danos que lhes inflingimos (Klein, 1937). Aqui Winston não se ocupa em possuir o objeto, em adquirir várias peças históricas, mas de *ser* como ele, de procurar ser leal aos seus sentimentos, tal como a mãe foi, e de morrer cheio de amor por Julia como a mãe morreu “cheia de amor por ele”.

Winston várias vezes menciona a classe operária (grande parte da população que leva uma vida miserável, mas relativamente independente do Partido), afirmando que se “alguma esperança resta” é neles que está, pois mantêm o que resta de humanidade (Bello, 2005). Tanto a mãe judia como a de Smith, são representadas inconscientemente como proles pelo facto dos seus gestos pertencerem aos “tempos de antanho”, tal como os proles, que permanecem fiéis entre si, pertencem (Stefaisk, 2014). É ao procurar ser fiel a Julia com o seu próprio gesto, que Winston consegue ter a esperança que antes colocava no exterior (nos proles), e identificar-se com a sua mãe e o tempo em que o “que contava, acima de tudo, eram as relações entre indivíduos, ou qualquer outro gesto perfeitamente inútil” (167).

Em adição, o uso dos símbolos não decai, como sugerimos poderá ter acontecido com o diário, e como tal, Winston consegue encontrar no corpo, “monstruosamente inchado por gravidezes (...), maltratado pelo trabalho” e com “a textura áspera de um nabo velho”, da lavadeira que por 2 vezes observa da janela do quarto, beleza e fascínio. “A veneração mística que Winston lhe devotava confundia-se estranhamente com o aspecto do céu claro e sem nuvens, espalhando-se por detrás das chaminés até ao infinito” (221). À guisa do que faz com O’Brien, Winston idealiza a mulher, e flutuando pelos pensamentos da tristeza em não poder ter filhos com Julia, e em não terem futuro por estarem condenados/mortos, a lavadeira encarna a segurança propiciada pelo céu, que se espalha e tudo envolve como a superfície do pisa-papéis e as paredes do quarto (que têm uma conexão com a sua mãe).

Não se pode falar da resolução do processo de luto, no entanto Winston começa a elaborá-lo, reconhecendo o seu egoísmo, arrependendo-se de não ter tornado claro à mãe o seu amor por ela, e abrindo espaço para que se possa viver a triangulação. Tal como a mãe da personagem não deveria ter sido “uma mulher excepcional, e menos ainda uma mulher inteligente”, a proletária que observa da janela não tinha a ocupação mais notável (pendurar fraldas e roupa) e “faltava-lhe espírito”, mas de modo semelhante ao que atribui a esta última, força e um “coração caloroso”, Winston reconhece na sua progenitora força de carácter, sensibilidade (regendo-se por uma conduta pessoal), e uma “certa nobreza” e “pureza”.

Mediante o desenvolvimento ou avivar da sua sensibilidade, Winston ganha um olhar poético e contemplativo (de olhar as coisas com a “melancolia feliz” que descobriu no canto da lavadeira), que sinaliza a diminuição da sua revolta e agressividade, em que consolida a segurança que antes retirava dos objetos simbólicos. A lavadeira é uma *imago* materna que diverge dos objetos frágeis e mortificados apresentados anteriormente, simbolizando a fertilidade e a vida, e contribuindo para a reparação à mãe que é vista de forma ambivalente. A personagem é capaz de manifestar a sua admiração por ela e pelo tempo em que viveu, e a quem a associa, um tempo em que alterar o curso da história não era relevante para os homens e mulheres, pois o que para eles importava era a lealdade pessoal, as relações entre si e gestos inúteis que continham valor em si mesmos.

Todavia, mesmo começando a restabelecer a mãe dentro de si e a viver relações significativas com outros, o triunfo imiscui-se no gesto de Winston, minando o processo de luto. “Se pudermos *sentir* que vale a pena continuarmos a ser humanos, mesmo que isso não traga quaisquer consequências, significa que os vencemos.” (169) Para Klein (1940/1998) o triunfo conduz à frustração da reparação e do luto, pois se pretende vencer os mesmos objetos que se procura reparar. É uma forma maníaca de inverter a relação pai-criança e obter poder sobre os mesmos, triunfando sobre eles. Os gestos da sua mãe e da mãe judia, ambos ocorrendo em relação a uma destruição eminente, não pretendiam triunfar sobre o opositor, mas sim proteger, para lá da razão e do possível, a pessoa amada. Winston sabe que irá morrer, e a sua certeza não é infundada, mas o seu gesto apesar de ter por base o amor pela mãe e por Julia, é um gesto útil, ou a que se pretende dar um uso, para vencer o Partido. Constitui-se como um meio para atingir um fim: alterar o curso da história. Pode-se começar a restaurar a mãe, mas o desejo de derrotar o pai (o Partido) é tão forte que acaba por levar ao falhanço. Como ele próprio diz a Julia “Neste jogo que estamos a jogar, não temos hipóteses

de vencer. Há formas de fracassar melhores do que outras, só isso” (139).

7 O’Brien

7.1 O lugar onde não há trevas

No primeiro dia que escreve no diário, Winston é interrompido pela sua vizinha que lhe pede para ir a sua casa arranjar um cano. Quando de lá volta, a personagem ao pensar em O’Brien, recorda-se de um sonho que tivera com ele há aproximadamente 7 anos. Sonhara “que caminhava numa sala completamente às escuras e alguém sentado ali ao lado lhe tinha dito à sua passagem “Havemos de nos encontrar no lugar onde não há trevas”. Dito muito calmamente como se nada fosse – uma afirmação, não uma ordem” (28).

Stefaisk (2014) considera que o desejo por detrás do sonho é a punição paterna, e o fazer tudo para que tal aconteça, pelos desejos incestuosos que Winston teve pela sua mãe: O’Brien irá torturar Winston na sala 101 do Ministério do Amor, um local onde as luzes estão sempre acesas. Não desvirtuando a componente punitiva - ou auto-punitiva, visto que ele “continuara a andar sem se deter” -, está também presente no sonho uma tranquilização, O’Brien, a figura paterna, assegura-lhe muito calmamente que se irão encontrar um dia, poderá ser, e será, na sala de tortura, mas para Winston isso não importa desde que ele esteja a seu lado. Com O’Brien não está só. Winston não sabe se o viu ou ouviu antes do sonho, “mas fosse como fosse a identificação existia. Fora O’Brien que lhe falara no escuro” (28).

O facto de Smith estar nas trevas indicia também uma posição de ignorância, de falta de conhecimento (de luz), e aquilo que O’Brien lhe assegura é que um dia se encontrarão num local onde tudo ficará a descoberto, em que poderão ver e ver-se. No capítulo anterior tratámos os desejos edipianos de Winston e as dinâmicas conflituais resultantes com diversas personagens, mas como frisou Bion (1963/1984), se nos focarmos apenas numa componente do mito, neste caso a sexualidade, acabamos por distorcê-la. Como mencionámos nos conceitos operatórios, para o autor, o *Édipo* trata a relação entre a busca epistemofílica e o seu desfecho trágico, e desse modo, a entrada de O’Brien e Julia aquando dos “Dois Minutos do Ódio”, permitiu a reabertura da narrativa edipiana de Winston, aguçando a sua curiosidade e galvanizando a sua busca de conhecimento.

Anteriormente abordámos a hipótese da personagem ter preterido o diário em relação a Julia, mas com isso não se pretendeu desvalorizar o papel que a escrita desempenhou, uma vez que o diário e a relação são complementares na busca do conhecimento que no caso de

Winston é bastante lato - sexual, moral, ideológico, do passado sociopolítico e afetivo, do presente e possibilidades futuras, do Partido, da morte, das pessoas da sua vida e de si mesmo.

Stefaisk (2014) equiparou o “muro de trevas”, a que Smith várias vezes faz referência, à *barreira da censura* que esconde atrás de si os conteúdos inconscientes da personagem, como a fobia das ratazanas, a memória da mãe e da irmã, e o conhecimento de que O’Brien faz parte da Polícia do Pensamento. Complementarmente, se voltarmos às páginas iniciais da obra, deparamo-nos com o que se encontra à frente do muro. Enquanto Winston olhava para fora da janela, perguntando-se se Londres sempre fora a cidade decrépita e poeirenta que agora via, não consegue encontrar resposta por mais que se esforce: “Inútil, não conseguia lembrar-se: nada restava da sua infância além de uma série de quadros vivamente iluminados, surgindo sem qualquer pano de fundo e quase sempre ininteligíveis” (7). Posto isto, podemos imaginar a sua vida mental como uma escuridão que se estende por trás do muro, aquilo que não se pode conhecer e cuja recuperação dolorosa é comparável “a arrancar uma parte do cérebro”, e os pontos de luz à sua frente, as imagens vivas, mas mesmo assim incompreensíveis, desconexas e sem narrativa (“sem pano de fundo”), que imprimem o caos e incoerência associado à *posição esquizoparanóide* (PS).

Na medida em que o diário representa a relação de Smith com O’Brien, uma relação ♀♂ com um *vínculo K*, está inerente ao uso que ele faz do livro, o *estado de mente K* que Fisher (2011) liga a esse relacionamento, ou seja, uma abertura para se conhecer emocionalmente a si e ao seu vivido. Se atentarmos, em termos proporcionais, à quantidade de registos que ele inscreve efetivamente no diário e aos pensamentos e recordações que lhe vão surgindo só por ter o livro aberto defronte de si, vemos que ele funciona como um portal onírico que mais que permitir o expressar de pensamentos e a descrição de sonhos, traduz o desenvolvimento de um pensar e sonhar, uma abertura que permite que os “quadros vivamente iluminados”, incoerentes e desorganizados, caminhem em direção à integração e coerência (Ps↔D) que vão encontrando no relacionamento com Julia.

Seguindo a progressão de Winston pelo caminho das trevas, na sua busca por *enlightenment (K)*, vemos como a personagem percorre e é guiada na sua própria narrativa do *mito edipiano*, encontrando no fim do percurso O’Brien – representante da figura divina que Bion (1963/1984), diz opor-se ao conhecimento, tendo-o como uma ameaça à sua supremacia -, que destrói não só o progresso, mas também Winston (-K). Das trevas onde a voz de O’Brien lhe promete um encontro futuro, Winston chega à “grande planície vazia”, a “um

deserto inundado de sol”, onde a luz que não queria dar ao seu sonho, o faz cair “num abismo vertiginoso (...) direito ao vácuo entre as estrelas” (288).

7.2 *Influência interna*

Decorre bastante tempo até à primeira palavra trocada entre Winston e O’Brien, em que este último o convida a ir a sua casa com o pretexto de lhe emprestar um dicionário de novilíngua, no entanto, a influência que tem sobre Smith, uma atração que se pode dizer magnética, faz dele um dos mais importantes objetos do seu mundo interno. Enquanto Winston pensava no que acontecera na manhã dos “Dois Minutos do Ódio” - a validação que O’Brien fizera do seu ódio, desprezo e repugnância -, deu por si a escrever “ABAIXO O GRANDE IRMÃO” 5 vezes. Pela primeira vez na sua vida, Winston, que tanto controlo e domínio tinha sobre as suas expressões faciais e sentimentos, expressa a raiva e revolta que traz de dentro de si. De seguida, ao constatar o que fizera, entra em pânico e pondera rasgar as páginas, mas apercebendo-se da inutilidade de tal procedimento, desiste dele e entrega-se a uma “espécie de histeria”. Sabendo que eventualmente seria apanhado e “vaporizado”, começa a escrever precipitada e descuidadamente: “vão me matar não me importo vão me matar com um tiro na nuca não me importo abaixo o grande irmão eles matam sempre todagente [*sic*] com um tiro na nuca não me importo abaixo o grande irmão” (23).

No auge do pânico que induz em Smith um estado que equipara à histeria, a *angústia de morte*, pensar que seria “vaporizado”, é de tal modo intensa que não é propensa a ser pensada, e como tal, a escrita permite a evacuação da sua ansiedade, resultando numa frase ininterrupta em que as ideias e as palavras se repetem e atropelam, num vai-e-vem semelhante a uma estereotipia verbal que lhe permite acalmar-se na medida do possível. “Recostou-se na cadeira, um pouco envergonhado consigo mesmo, e poisou a caneta” (23).

De forma reversa à que a face do Grande Irmão aparece fixada em toda parte, e lhe incute a sensação de que “não havia fuga possível”, Winston, mais tarde, procura recorrer à imagem de O’Brien, ao objeto interno protetor e compreensivo, para conter a *angústia de morte* que antes só podia expelir. Após a situação ansiogénica de ter encontrado Julia quando saía da loja do Sr. Charrington, Winston quando chega a casa procura escrever, tentando por duas vezes pensar em O’Brien. Primeiramente não consegue evocar a sua imagem, pois volta a pensar no que lhe irá acontecer quando for apanhado pela Polícia do Pensamento, e na hipótese de se suicidar, mas eventualmente acaba por conseguir: “Havemos de nos encontrar

no lugar onde não há trevas”, dissera ele. Winston sabia o que aquilo queria dizer, ou julgava sabê-lo. O lugar onde não havia trevas era o futuro sonhado, que ele nunca veria, mas que por antecipação podia partilhar misticamente” (107).

O’Brien, para além de um ♀ que dá sentido ao sentir de Winston, é a pessoa em quem ele pensa quando pondera porque há-de continuar vivo, mesmo sabendo que está condenado. É a sua face, como a de um ídolo ou de um deus, que lhe permite passar da ponderação do suicídio (“Melhor seria um tipo matar-se antes de ser apanhado” (106)), para um futuro sonhado e místico que poderá partilhar por antecipação. Prévio ao “desejo de viver” que nele cresce após ler o papel que Julia lhe passa, O’Brien dá-lhe força para permanecer vivo, sabendo que existe o futuro sonhado em que poderão derrotar o Partido.

7.3 *Dois rostos do mesmo rosto*

Ainda que, numa situação angustiante, Smith tenha conseguido evocar uma imagem protetora, o “rosto do Grande Irmão tomou forma no seu espírito, substituindo o de O’Brien. Como fizera dias antes, tirou do bolso uma moeda, ficando a olhá-la. (...) Como um sombrio dobre a finados, voltaram-lhe ao espírito as palavras: “GUERRA É PAZ/ LIBERDADE É ESCRAVIDÃO/ IGNORÂNCIA É FORÇA.” Similar ao que ocorre no paroxismo dos “Dois minutos do Ódio”, em que a face de Goldstein projetada no ecrã foi substituída pela do Grande Irmão, e posteriormente pelas palavras de ordem do Partido, o rosto de O’Brien, que lhe providenciou momentaneamente uma sensação de esperança e vida, deu lugar à face do Grande Irmão e ao troar fúnebre do seu “futuro envenenado”. Stefaisk (2014) demonstra que O’Brien condensa no inconsciente de Smith, o seu pai, o rival durante o *complexo de Édipo* ambos vestindo roupas escuras e usando óculos, e Goldstein, o inimigo do Partido e líder da Fraternidade, ele próprio também usando o adereço.

Se atentarmos, contudo, aos episódios acima expostos, vemos que O’Brien, para além dessas duas figuras, também inclui a contraparte de Goldstein, O Grande Irmão - o símbolo do Partido que Winston tanto odeia e quer derrubar. Retrocedendo até ao dia em que Winston decidiu começar a escrever, após a recordação do sonho em que O’Brien lhe fala nas trevas, a personagem visualiza um *pictograma* em que surge como um monstro vagueando nas profundezas marinhas. A imagem associando-se à culpa de ter assassinado a mãe e a irmã, como anteriormente exposto, desperta nele uma sensação de solidão da qual advém a *ansiedade depressiva*. O passado, ao qual a mãe e a irmã pertenciam, “estava morto” e o

futuro, no qual O'Brien assegurou que se iriam encontrar, "afigurava-se inimaginável." A segurança propiciada pela conexão com O'Brien, pelo facto de mesmo nas trevas o ter junto a si, é abalada assim como o facto de saber que ele está consigo. "Que certeza podia ter de que um único ser humano hoje vivo estivesse do seu lado?" (30). Retirando uma moeda do bolso, Smith constata que até aí está presente a face do Grande Irmão. "Até na moeda os olhos perseguiram uma pessoa (...) – em toda a parte. Sempre aqueles olhos a fitar-nos (...)" (30).

Tendo por base aquilo que acontece nas fases iniciais da *posição depressiva*, em que a culpa inerente é tão intensa que é sentida como uma perseguição deliberada, a principal defesa perante a *ansiedade depressiva* é a reversão para uma relação paranóide com o objeto (Spillius et al., 2011). Antes de ver a imagem do monstro, a ambivalência era reconhecida e tolerada - Winston, mesmo não sabendo se O'Brien era amigo ou inimigo não se importava, devido ao "laço de entendimento" (*K*) que existia entre ambos -, mas quando a *ansiedade depressiva* insurge, e Winston sente a culpa, vendo-se de novo só e com ninguém a seu lado, aparece o persecutório e o mecanismo de defesa da *clivagem*. A moeda é voltada e no seu reverso os olhos que antes o embalavam e com quem mantinha estreita intimidade (O'Brien, o heterodoxo: Goldstein), estão por toda a parte e perseguem-no ("O GRANDE IRMÃO ESTÁ A VER-TE"). É também importante fazer notar que ao clivar o objeto, O'Brien mantém-se idealizado, uma vez que é o Grande Irmão que o persegue e é alvo do seu ódio.

Curiosamente, na edição da obra usada no presente estudo, "*link of understanding*", *K link* podemos acrescentar, é traduzido para "laço de entendimento", expressão que subjaz a dualidade inerente a O'Brien: um laço pode unir e vincular, mas também é uma armadilha de caça; cair no laço pode ser prender-se e enamorar-se, mas também cair num engodo. Winston está ciente do que irá ocorrer no Ministério do Amor, e de que O'Brien será o seu carrasco, mas nega essa parte da experiência e da relação com o objeto em resultado da *clivagem*.

7.4 Idealização

Para Melanie Klein (1952a/1997), a *idealização* é o corolário da perseguição, um modo do sujeito se defender contra a ansiedade e se proteger dos objetos persecutórios. Mencionámos no capítulo da família de Smith que, a partir da destruição fantasiada aos bons objetos, o mundo interno sofre uma desertificação na qual se infiltram depois os objetos persecutórios, todavia não é apenas devido aos dramas do seu passado que ele idealiza O'Brien, protegendo-se da outra parte que ele representa, e protegendo-o da sua agressividade

e ódio. Smith revela, como anteriormente discutido, uma particular sensibilidade relativamente aos gestos das outras personagens (o da mãe judia e da sua mãe, e o que Julia faz ao despir-se), mas existe um quarto gesto de grande importância para si, o de O'Brien concertar os seus óculos, maneirismo que apresenta sempre em momentos significativos: quando partilham o olhar que leva Winston a escrever; quando referencia um colega de Winston que já tinha sido vaporizado, e que ele considera tê-los tornado cúmplices, porque partilharam “um pequeno acto de *crimepensar*”; quando Winston e Julia vão a sua casa; e até mesmo na sala de tortura antes de lhe dizer que gosta de falar consigo.

No Ministério do Amor, O'Brien afirma ter desempenhado para Smith uma “peça de teatro” durante 7 anos, o laço que lhe lança e o captura, e assim sendo a intimidade que a personagem sente em relação a ele, é explicada, em parte, por subtis e planeadas manobras de sedução. A forma “curiosamente desarmante” e “civilizada” como O'Brien concerta os óculos incita à aproximação e exploração (o facto de ser curioso, e não se perceber na totalidade), podendo-se depreender vários determinantes no porquê de Winston se sentir “profundamente atraído” por ele. Primeiramente, existe uma componente homossexual, não se tratasse também de atração, visto que Winston acentua a virilidade de O'Brien e se foca na descrição do seu físico (“homem corpulento, robusto, com o pescoço musculoso (...) físico de campeão de boxe” (14)); e depois, porque vivendo uma solidão sufocante e sentindo-se impotente, é natural que a figura de alto escalão, que condensa “força e inteligência”, e sugere sinais de heterodoxia, desperte em Winston desejos de *anáclise*, de se apoiar e pôr nas mãos de um protetor infalível, e sob a égide de um líder admirado que o ajudará a aderir à Fraternidade. Algo no qual também está implícito o *ideal do ego*, dado que o pai de Winston é descrito de forma tão célere e superficial e aparece depois uma figura masculina reverente que possui atributos admiráveis e leva a personagem a identificar-se consigo.

Quando vai com Julia a casa de O'Brien, enquanto este lhes explica o que é a Fraternidade e que será dele que receberão as ordens por intermédio de um terceiro, Winston, observando-o, sentiu brotar dentro de si “uma onda de admiração, quase de veneração por O'Brien. Esquecera por momentos essa longínqua figura de O'Brien (...) era impossível acreditar que ele viesse a ser derrotado. Sentia-se não haver estratagema a que ele não fosse capaz de ripostar, nem perigo que não conseguisse prever” (178). Ao olhar O'Brien, o seu *ideal do ego*, é como se Winston bebesse as suas palavras, os seus gestos e movimentos, pois ao introjetá-lo sente-se seguro. Antes dele começar a discorrer sobre a Fraternidade, Winston

conta-lhe todos os crimes que ele e Julia cometeram (“Conto-te isto para ficarmos à tua mercê. Se quiseres que aprofundemos o compromisso, estamos ao teu dispor.” (173)), o que mais que um passo dado em direção ao túmulo (de qualquer modo O’Brien já estava a par detodas essas informações), é sobretudo colocar-se sob a proteção que deseja receber.

É interessante reparar que a própria palavra “desarmante”, indicia que Winston não consegue dirigir-lhe a sua agressividade, e a partir da *clivagem* que dele faz, consegue mantê-lo num pedestal, tornando-o o protetor daquilo que ele próprio representa, o Partido, o Grande Irmão e o destino que Winston teme e sabe que irá ocorrer. Não obstante, quando, antes de receber a carta de Julia, Winston se pergunta se por ser o único que acredita na imutabilidade do passado isso não significa que está errado ou que é “lunático”, o rosto de O’Brien surge-lhe em pensamentos, sentindo ele “mais forte do que nunca, a convicção de que O’Brien estaria do seu lado” (85). O facto da saúde mental ser uma questão numérica tem inerente em si a imensa solidão que desde o começo da obra sabemos dilacerar Winston, e é ao recorrer ao bom objeto interno, O’Brien, que ele a consegue combater. Ele crê em si e está do seu lado, por isso Winston lhe dedica o diário a seguir a esse pensamento.

7.5 *Confiança, força e segurança*

Um momento marcante na obra e que contrasta com o estado inicial de Smith de solidão, agitação e caos interno, é o que a sós no quarto, esperando Julia, começa a ler o livro de Goldstein que lhe foi enviado por O’Brien após terem ido a sua casa. O livro, não trazendo novidades a Winston, como exposição metódica do “COMO” do Partido sistematiza os “conhecimentos que ele já possuía”, Ps→D, e acima de tudo, providencia-lhe outra experiência de se ver espelhado: “depois de o ler ficou mais seguro de não estar louco. Estar em minoria, mesmo sendo uma minoria de um só, não era sinal de loucura” (218).

Winston por 2 vezes interrompe a leitura para poder “saborear o facto de *estar a ler*, confortavelmente instalado e em segurança” (187), sentindo, pelo que sabemos, pela primeira vez “felicidade absoluta”. A internalização dos bons objetos, que implica uma interação favorável entre elementos externos e internos, permite a integração e é fundamental para combater a sensação de solidão (Klein, 1963/1997), que nesta ocasião não é claustrofóbica, persecutória, ou até abandonica, porque Winston se sente seguro. Os objetos significativos do passado, como diria Freud, já não lançam a sua sombra sobre o ego de Winston, e existem relações significativas que lhe propiciam segurança e o fazem sentir-se amado – Winston

aguarda a vinda da sua amante, e sente, ainda que se trate de um engodo, que O'Brien está consigo, porque o iniciou na Fraternidade. "O sol na cara e o macio corpo da rapariga encostado ao seu davam-lhe a repousante sensação de força e confiança. Estava em segurança, tudo corria pelo melhor. Adormeceu a murmurar: "A saúde mental não é uma questão estatística", sentindo que esta frase continha uma profunda sabedoria" (218).

7.6 O encontro prometido

No começo deste capítulo enfatizamos a procura de conhecimento de Winston que o levaria a atravessar as trevas até estas desaparecerem e chegar junto de O'Brien. Ao longo do seu percurso, Winston melhorou os sintomas do seu mal-estar físico, aceitou a morte e começou a restaurar os objetos significativos do seu passado, desenvolveu duas relações importantes e atingiu um estado de paz e tranquilidade relativamente a ansiedades que antes o perturbavam, conseguindo percebê-las e solucioná-las (D). Na evolução que foi descrevendo, O'Brien, não sendo uma figura eminentemente presente em termos reais, foi fulcral para Winston combater a sua solidão, e os seus receios de estar errado e louco, auxiliando Winston como um bom pai, um objeto interno, que incentiva e apoia o desenvolvimento do filho.

O próprio diário como conjunto de produções dispersas - cogitações, descrições de memórias, sonhos, angústias e esperanças -, representa a relação com O'Brien, transmitindo o *estado de mente K*, que encontra, depois, sistematização no livro de Goldstein, um livro escrito por um espírito semelhante ao de Winston, mas "mais capaz, mais sistemático, menos tolhido pelo medo" – O'Brien.

Após ser capturado pela Polícia do Pensamento, Winston, considerado um crimepensante, é torturado e questionado longamente, e a sua relação com O'Brien, antes conducente ao conhecimento, opõe-se, agora, a ele, destruindo tudo o que até aí Winston havia construído, -K. Stefaisk (2014) defende que "O'Brien é a figura do terapeuta – uma pessoa que pode usar dos seus conhecimentos para, durante a análise, transformar a mente "anormal" em "normal", segundo os padrões sociais" (p. 110). Existem várias passagens que dão conta desta dinâmica relacional, O'Brien diz-lhe que ele é mentalmente perturbado, que tem problemas de memória e alucinações, e que vai torná-lo são de espírito, mas ao contrário de uma relação terapêutica, O'Brien vai destruindo os vínculos de Winston e atacando a *parte saudável* da sua mente, evidenciando uma relação - (♀♂) e não ♀♂.

Na maioria das "sessões", Winston está amarrado a uma cama de campanha para

permanecer imóvel, tendo na sala consigo um homem com uma seringa hipodérmica, e O'Brien que, controlando uma alavanca, o electrocuta a intensidades variadas caso ele minta ou responda abaixo do seu nível de inteligência. Com uma precisão cirúrgica, O'Brien vai tocando nas preocupações nevrálgicas de Winston, a sanidade mental, a reconstrução do passado, a derrota do Partido, e com isso, vai retirando o sentido a todos os progressos do pensamento que lhe permitiram ganhar tranquilidade e confiança. Particularmente notório é o ataque que dirige às frases que Smith criou como máximas, e que opunha às do Partido que surgiam na sua mente como um símbolo da morte (o dobrar dos sinos).

Enquanto dialogam sobre o facto de o Partido controlar o passado (registado nos arquivos e em memória), Winston contradiz O'Brien, defendendo que não controlaram a sua memória, e posto isto, O'Brien, falando rispidamente, pousa a mão no mostrador: “Enganas-te – disse -, quem não a controlou foste tu. E foi isso que te trouxe aqui (...) Nunca quiseste aceitar o acto de submissão que é o preço da saúde mental. Preferiste ser louco, ser uma minoria de um só” (250). Com a mão no mostrador, O'Brien sinaliza que é ele quem tem o poder e o pode magoar a qualquer instante, e invertendo uma das máximas de Winston (“A saúde mental não é uma questão estatística”), torna-a num atestado da sua loucura.

Na primeira parte da obra, Winston escreveu no seu diário “A liberdade é a liberdade de dizer que dois e dois são quatro. Uma vez que se reconheça isto, tudo o mais virá por acréscimo” (85). Tomando em consideração que O'Brien faz uma reversão do pensar de Winston e que este considerara que, reconhecendo-se o princípio enumerado, tudo viria por acréscimo, O'Brien torna o foco da “reintegração” dele “ $2+2=5$ ”. Mostrando-lhe 4 dedos, e dizendo que o Partido afirma serem 5, O'Brien vai questionando Winston, electrocutando-o quando a resposta é desadequada (“Quatro! Cinco! Quatro! Os que tu quiseres. Mas pára, pára com a dor!” (252)). Ao atacar os pensamentos a que Smith tanto tempo demorou a chegar, O'Brien deturpa o seu significado, incutindo-lhe a dinâmica *esquizofrenizante* do duplopensar, derruba os seus pilares de segurança, e ataca a *parte saudável* da sua mente.

7.7 Vitimização

O'Brien desempenha uma série de papéis contraditórios – ele “era o torcionário, o protector, o inquisidor, o amigo” (245) -, alternando rapidamente os seus modos consoante Winston concorda e se submete à sua maneira de pensar, falando aí num “tom amável e paciente” com um ar pedagógico; ou discorda, tornando-se ríspido e infligindo dor a Smith.

Stefaisk (2014) relacionando a punição que O'Brien aplica sobre a personagem, com a sua promessa de que a irá salvar, conclui que a punição "aparece como uma forma de amor, tal como os pais punem os filhos para corrigir seus erros" (p. 110). O'Brien pode torturá-lo, mas tem-o à sua guarda e vela por si; seja facínora e vítima, professor e aluno, ou qualquer outra, a relação é assimétrica, e Winston olha para ele sempre de baixo para cima. Quando a dor pára, ele não se ressentir por esta lhe ter sido infligida, está grato por ter parado. "Por momentos agarrou-se a O'Brien como uma criança, estranhamente reconfortado com aquele braço forte a apertar-lhe os ombros. Tinha a impressão de O'Brien ser o seu protector, de que a dor era uma coisa vinda de fora, com outra origem, e O'Brien preservá-lo-ia dela" (252).

Momentaneamente, Winston chega a culpá-lo pelo estado a que chegou, mas assim que ele reconhece que não havia traído Julia, a sua "estranha veneração" volta "a inundar-lhe o coração". Sentindo-se de novo compreendido, Winston coloca O'Brien no seu pedestal, admirando a sua inteligência e o facto de ter percebido a sua conceção de traição sem ter de lha explicar. Do ódio tem apenas um vislumbre fugaz, para isso contribuindo o medo da retaliação, pois sente-se indefeso perante a superioridade de O'Brien, e se discutir com ele, a retaliação só levará a uma maior vitimização, sendo torturado ou esmagado com "respostas prontas". A "inferioridade intelectual" que sente em relação a ele, torna-o incapaz de refutar qualquer ideia que apresente, pois ele crê "em tudo o que diz", e "o mais terrível consistia em que, quando O'Brien o dissesse, ele acreditaria" (264).

Perante uma relação maltratante, a personagem como uma criança deprimida, não consegue entrar em contacto com a sua vitimização e expressar a sua zanga, fruto também da sua situação de impotência (está amarrado e a ser torturado) e, como tal, *identifica-se com o agressor*, idealizando-o. Até mesmo O'Brien, que fala em esmagar e humilhar Winston, paradoxalmente, deixa transparecer afeto nos seus modos, ao reconfortá-lo, tomando-o nos seus braços, e acusando intimidade consigo ("Gosto de falar contigo. O teu espírito atrai-me" (260)), pelo que os aspetos contrastantes e extremos da relação, são perpetuados por O'Brien, que é simultaneamente o "torcionário" e o "protector". Desse modo, os seus sentimentos por ele oscilam entre o medo da réplica e retaliação, uma vez que reconhece que é ele que o está a torturar e teme que aja por "pura demência", e a gratidão pela compreensão que continua a ser perfeita, deixando-o comovido, "mais profundo do que a amizade, eles eram íntimos" (254), e determinando uma idolatria "que nada parecia capaz de destruir".

7.8 O Último Passo

A vivência de ♀♂ ainda persiste, “O espírito dele *continha* o espírito de Winston” (257), mas a partir de um polo diferente. O’Brien consegue perceber o que Winston está a pensar, sentir, e até, assustadoramente, descrever as imagens mentais que ele vê, e as palavras que se prepara para usar. Previamente, O’Brien, que acolhia a sua *angústia de morte* e lhe providenciava a sensação de não estar só, agora inculca-lhe o seu terror de ser “vaporizado” e acentua a sua solidão – “Já percebeste que estás *sozinho*? Fora da história, inexistente” (271).

O vínculo que os liga torna-se $-K$, e o relacionamento $-(♀♂)$, certificando-se O’Brien, de forma demolidora, de que os pensamentos e emoções de Winston são esvaziados de todo o seu valor e sentido, havendo não só a certeza da morte, mas a promessa de se esmagarem e extinguirem todos os indícios de vida e subjetividade. “Havemos de te esmagar a tal ponto que se torne impossível que voltes atrás. Vão acontecer-te coisas de que não poderás recompor-te, nem que vivesses mil anos. Jamais voltarás a ser capaz de sentir as mais vulgares emoções humanas. Tudo morrerá dentro de ti (...) Ficarás oco. Havemos de te espremer até ao vazio, e depois encher-te-emos com a nossa própria substância” (258).

O’Brien torna-se na personificação do que Bion (1962b/1984) apelida de *super superego*, i.e., um objeto que assevera a sua superioridade moral, encontrando defeitos em tudo, e destruindo todas as hipóteses de progresso a partir da remoção de significado dos ♂ significativos. Ele não se limita a destruir a evolução do pensamento de Winston, impõe-lhe, a partir do condicionamento com os choques elétricos, a maneira de ver e pensar do Partido, atacando o aparelho do seu pensar, e desnudando-o da sua subjetividade e do seu sentir.

Quando Winston, ripostando finalmente mas de forma débil, diz considerar-se moralmente superior ao Partido, defendendo que este não irá conseguir implantar um mundo de terror e triunfo devido ao “espírito do homem”, O’Brien põe a tocar uma gravação em que Smith, quando foi a sua casa com Julia, concorda fazer todas as atrocidades possíveis pela Fraternidade, e de seguida, afiançando-lhe que ele é o último da sua espécie, ordena-lhe que se olhe ao espelho. Winston, ao ver a sua figura, fica horrorizado não apenas por saber tratar-se de si, mas por ver uma figura assustadora e repulsiva.

“Estás a apodrecer. Estás a cair aos bocados. Que é que tu és? Um monte de lixo. Ora vira-te lá e olha outra vez para o espelho. Vês essa coisa aí à tua frente? É o último homem. Se tu és um homem, então isso é a humanidade” (274). Após derrotar Winston de forma sarcástica e sádica com as suas próprias palavras, destruindo a conceção de superioridade

moral a que ele se agarrava (de prolongar a herança humana), O'Brien, coloca-o no cabeço de um abismo, vincando a sua *angústia de morte*, falta de valor e insignificância – ele é o último, é um monte de lixo e não um guardião, está só e irá morrer só -, ao mostrar-lhe o seu estado de decomposição e ruína externa que ilustra como se encontra internamente - “Já viste como tens o corpo? O teu espírito está em idêntico estado” (274).

Numa altura em que as condições do seu aprisionamento melhoraram bastante, porque “capitulara”, perdera a capacidade de se esforçar intelectualmente e começara a pensar como O'Brien pretendia, Winston acordou sobressaltado, ouvindo-se a si próprio gritar por Julia. “Dir-se-ia que Julia se encontrava não apenas com ele, mas dentro dele. Como se ela se lhe tivesse infiltrado na textura da pele. Nesse momento amou-a muito para além do que a tinha amado quando juntos e em liberdade. Soube também ao certo que ela ainda estava viva, algures, e precisava da ajuda dele” (281). Com a recordação de Julia, Winston volta a acalantar esperanças de se revoltar, mas O'Brien, com a incrível compreensão que dele tem, entra na cela e informa-o de que sabe que ele estava a pensar em enganá-lo, e que apesar de ter melhorado não tinha progredido ainda nada emocionalmente.

Na sala 101, para onde Winston vai no seguimento desse episódio, O'Brien apresenta uma gaiola que, mediante a abertura de duas portinholas, liberta as ratazanas no seu interior para a zona frontal, onde uma máscara permite encaixar a cara do prisioneiro. À medida que Winston vai gritando desesperado, perguntando o que tem de fazer, O'Brien calmamente aponta as características mortíferas das ratazanas. Apercebendo-se de que a única maneira de se salvar era interpor outra pessoa entre si e os animais, Smith “pôs-se a gritar freneticamente, vezes e vezes sem conta: Façam isto à Julia! Façam isto à Julia! A mim não! À Julia! Podem-lhe fazer o que quiserem, quero lá saber. Dêem-lhe cabo da cara, descarnem-na até aos ossos. A mim não! À Julia! À Julia!” (288).

Tal como saber a existência do quarto era mais importante do que lá estar, quando Winston acorda do seu sonho, sentindo ter Julia dentro de si, consegue amá-la mais do que quando estavam juntos. Todo o número de privações e horrores por que passou não fizeram diminuir os seus sentimentos por ela, e sabendo-a consigo, volta a sentir que odeia o Grande Irmão e recomeça a planear uma maneira de derrotar o Partido. Como antes fizera com O'Brien, Winston encontra força no objeto interno que tem dentro de si, sentindo gratidão pela reciprocidade do amor e reavivando a força da promessa que fizera a Julia.

Como último passo para Winston amar o Grande Irmão, O'Brien põe-no numa posição

de total desamparo perante aquilo que ele mais teme e não pode enfrentar - um autêntico *terror sem nome*: “the fear of being annihilated, engulfed by nothingness or subjected to the loss of all meaningfulness in the world” (Mattos & Braga, 2013, p. 180) -, o que deixa Winston “desvairado” e “ululante”, e resulta na sua falha em emular o gesto protetor que a mãe fizera e que ele prometera fazer por amor a Julia. Numa vitória da *parte psicótica da mente* sobre a saudável, Winston, no seu desespero, ataca o último vínculo, e não só interpõe Julia entre si e as ratazanas, como deseja que elas a ataquem.

8 Conclusão

“*The Last Man in Europe*”, título originalmente planeado para a obra, é uma expressão multifacetada e complexa, tal como a personagem para a qual estava designada. Transmite uma imagem de grandiosidade, destaque e superioridade, que por vezes Winston assume, considerando-se o guardião do espírito humano, mas fundamentalmente, representa alguém vergado pelo peso do seu isolamento, impotente em mudar o mundo que lhe esmaga o espírito, aterrorizado e, em simultâneo, resignado com a sua morte iminente.

A *angústia de castração* de Winston, que Stefaisk (2014) diz tratar-se também de uma castração do *ser*, devido aos atentados à liberdade e subjetividade feitos pelo Partido, por vezes, dado o mundo em que vive e a influência dos dramas do seu passado, assume registos mais arcaicos e aquilo que se vive não é a impotência, inferioridade, revolta e competitividade, mas a *angústia de aniquilamento*, de se ser destruído a tal ponto que nem mesmo indícios sobram de si (ser “vaporizado”). Como diz a dada altura, quando cria uma personagem para cumprir uma tarefa no seu trabalho, “Chocou-o poder criar homens mortos, mas não vivos” (51), sendo isso mesmo que acontece consigo. Quando principia a criar-se - a procura do seu passado, que é a sua história, a sua identidade, e de relacionamentos significativos – dá-se como morto. Smith sabe que irá ser apanhado, pois no mundo em que vive é impossível escapar impune por muito tempo, por isso mesmo, segundo Stefaisk (2014), as suas atitudes destrutivas, que o levam a sofrer o mesmo fim que os seus familiares, são uma forma de rebeldia, de obter prazer e viver.

Winston pode caminhar às cegas pelas trevas, mas de certo modo dá-se conta do poder da sua escolha. Quando aluga o quarto para poder desfrutar dele com Julia, apercebe-se que isso era “uma loucura consciente, gratuita, suicida”, mas simultaneamente, “a tentação de possuírem um esconderijo realmente deles, (...) fora demasiado forte” (142). Sabendo que irá

morrer, pois qualquer ato de crime pensar é sempre detetado, a personagem toma a decisão de o fazer por coisas que valem a pena.

O voltar-se para o passado tem uma dimensão saudosista e nostálgica que imprime a depressividade de Smith, possuindo a sua forte motivação sociopolítica de mudar o mundo e torná-lo melhor para si e os seus concidadãos, uma importante componente sublimatória, de devolver ao seu mundo a mãe que perdeu e o passado emocional em que viveram, evidenciando o seu arrependimento, e um altruísmo que resulta da sua tentativa de reparar os atos que sentiu provocar com o seu egoísmo infantil, e do seu desejo profundo de amar e ser amado. Nesse sentido, contrariamente ao que ocorre em “*Carta ao Pai*” de Franz Kafka, carta que nunca chega ao seu destinatário e em que se critica e censura o progenitor, a carta de Winston, o seu diário, apela ao remetente, a que pensa nunca irá chegar a sua escrita, de quem procura compreensão, auxílio e consolo – no fundo, estar conectado com a figura paterna. Assim sendo, ainda que à superfície a carta para O’Brien tenha um conteúdo político onde fermenta um desejo revolucionário, o seu “*pano de fundo*” é afetivo e o seu intento relacional.

As contradições e contrastes que se encontram na relação com O’Brien, mostram uma conflitualidade de desejos e dramas que, dada a *clivagem* e *idealização*, não podem ser vividos com uma pessoa real. Mantendo O’Brien num pedestal, Winston, que desempenhara o papel de agressor, passa a ser vítima, procurando a punição e perdão pelos acontecimentos do seu passado, e impedindo-se de viver a rivalidade edipiana que na sua infância ganhara contornos trágicos. Ademais, a intimidade e entendimento que sente, bem como a *identificação* com O’Brien, revelam a fragilidade do protagonista, o sentimento de estar indefeso e o desejo de depender de alguém que o possa apoiar, cuidar e narcisar, perante uma solidão claustrofóbica na qual não importa se o protetor é também o torcionário.

Desde o início da narrativa que o “*muro de trevas*” (a *barreira de contacto*) se vai tornando mais poroso e permite a passagem de elementos inconscientes para o consciente, quer seja por meio de sonhos, *pictogramas*, ou metáforas que pautam o seu discurso, conferindo-lhe um certo onirismo. O retorno do recaiado vai perpassando por brechas do muro, mas é apenas na segurança de uma relação *suficientemente boa* que se torna passível de ser sentido e pensado. Apesar de inicialmente a relação com Julia ser funcional, pretendendo-se a partir do ato sexual desafiar o controlo do Partido, o reconhecimento da sua subjetividade e do sentimento de amor que não se achava digno de sentir e receber, Winston co-constrói um relacionamento no qual a ambivalência é tolerada, e os vários vínculos são

vivididos com segurança, levando a um crescimento de si, da relação e ao colorir de um mundo interno cinzento, cruel e com personagens moribundas.

No último capítulo, ficamos a saber o estado a que Winston ficou reduzido após ser libertado do Ministério do Amor. No seguimento do seu momento de desespero, Winston quebrou a promessa que fizera a Julia, em que pretendia emular o gesto de amor da sua mãe, e tornou-se num espectro de si mesmo. Passa o dia inteiro a beber gim, e é incapaz de concentrar o seu pensamento num assunto por mais do que alguns instantes. As últimas frases da obra (“Alcançara a vitória sobre si próprio. Amava o Grande Irmão” (299)) ilustram a conversão que O’Brien pretendia fazer ao encarcerar Winston e condicioná-lo a partir da tortura, porém existem ainda resquícios da sua subjetividade que comprovam que o seu *self* não foi obliterado. Uma parte de si, muito frágil e muito enfraquecida que corresponde à *parte saudável* da sua mente, ainda procura contrariar as crenças que lhe foram inculcadas durante o seu cativeiro, mas não tem a força necessária para prosseguir os seus pensamentos, devido aos danos sofridos no *aparelho para os pensar*.

No café do Castanheiro, onde se passa a última cena, Winston lembra-se do encontro accidental com Julia após terem sido libertados, e do quão haviam mudado, olhando-o ela com repugnância, e sentindo ele horror ao pensar que poderiam ter feito amor, apesar de lhe enlaçar ainda assim a cintura. Sentado na sua mesa habitual, a personagem ouviu uma voz cantar do telecrã, “Debaixo do frondoso castanheiro/ Traíste-me um dia como eu te traí...” (295), e vieram-lhe “as lágrimas aos olhos.” Em adição, Smith recupera outra memória com a mãe. Pela primeira vez, uma memória feliz, “um momento de reconciliação, em que esqueceu a fome constante do seu estômago e vira temporariamente renascer a antiga afeição pela mãe” (297). Num dia chuvoso em que o seu aborrecimento e fome se tornaram insuportáveis, Winston reconciliou-se com ela, recuperando um pouco da felicidade perdida, ao jogarem um jogo de tabuleiro durante uma tarde inteira rindo às gargalhadas, “juntos e felizes, como quando ele era mais novo” (297).

Após todos os horrores sofridos às mãos da Polícia do Pensamento, de O’Brien e do impacto devastador do que ocorreu na sala 101, Smith tem ainda humanidade dentro de si. Winston afirma que algo morrera no seu peito, que algo fora “queimado, cauterizado”, mas pergunto-me se as dúvidas que ainda o assaltam, e a mágoa perante o que lhe ocorrera a si e a Julia, se a memória feliz com a mãe de um tempo de reconciliação, não são as centelhas que, se pudessem encontrar outra relação – uma relação terapêutica –, começariam um novo fogo?

9 Referências Bibliográficas

Abram, J. & Hinshelwood, R. D (2018). *The Clinical Paradigms of Melanie Klein and Donald Winnicott: Comparisons and Dialogues*. Abingdon: Routledge

Abreu-Afonso, J., Oliveira, R. A. (2018). A Psicanálise. In I. Leal (Ed.), *Psicoterapias*. Lisboa: PACTOR

Aşkın Çelikkol (2018) “In the Place Where There is no Darkness”: Sexuality, Ideology and Space in George Orwell’s *1984*, *The Explicator*, 76(4), 198-203, DOI: 10.1080/00144940.2018.1536640

Barker, C., Pistrang & N., Elliot, R. (2016). *Research methods in clinical psychology. An introduction for students and practitioners*. Oxford: John Wiley & Sons (third edition)

Barros, E. R. (2000). Affect and pictographic image: The construction of meaning in mental life. *Int J Psychoanal*, 81, 1087–99.

Bello, M. R. L. (2005). Nineteen Eighty-Four: A História como Palimpsesto ou a Negação da Memória como Lugar do Eu. In F. Viera, & J. B. da Silva (Eds.), *George Orwell: perspectivas contemporâneas* (pp. 77-86). Porto: Greca- Artes Gráficas.

Bowker, G. (2003). *George Orwell*. London: Abacus.

Brown, L. J. (2013). The Development of Bion’s Concept of Container and Contained. In H. B. Levine, & L. J. Brown (Eds.), *Growth and turbulence in the container/contained: Bion’s continuing legacy* (pp. 7-22). Hove: Routledge

Bruni, A. (2013). Container-Contained Inverted Relationship -(♀♂): Developments and Applications of a Very Powerful Concept of Wilfred R. Bion. In H. B. Levine, & L. J. Brown (Eds.), *Growth and turbulence in the container/contained: Bion’s continuing legacy* (pp. 203-215). Hove: Routledge

Bion, W. (1957/1988a). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. In E. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Today: developments in theory and practice* (Vol. 1, pp. 59-76). London: Routledge.

Bion, W. (1959/1988a). Attacks on linking. In E. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Today: developments in theory and practice* (Vol. 1, pp. 84-98). London: Routledge.

Bion, W. (1962a/1988a). A theory of thinking. In E. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Today: developments in theory and practice* (Vol. 1, pp. 174-182). London: Routledge.

Bion, W. (1962b/1984). *Learning from Experience*. London: Karnac Books.

Bion, W. (1963/1984). *Elements of Psycho-Analysis*. London: Karnac Books.

Bion, W. (1970/1984). *Attention and Interpretation*. London: Karnac Books.

Britton, R. (1989). The missing link: parental sexuality in the Oedipus complex. In J. Steiner (Ed.), *The Oedipus complex today; clinical implications* (pp. 83–101). London: Karnac Books.

Britton, R. (1992). The Oedipus situation and the depressive position. In R. Anderson (Ed.), *Clinical lectures on Klein and Bion* (pp. 33–43). London: Routledge.

Ferro, A. (1996/2000). Sexuality as a narrative genre or dialect in the consulting-room: a radical vertex. In P. Bion Talamo, F. Borgogno and S. Merciai (Eds), *W.R. Bion between Past and Future* (pp. 91-107). London: Karnac, 2000.

Ferro, A. (2005). *Seeds of Illness, Seeds of Recovery: The Genesis of Suffering and the Role of Psychoanalysis*. Hove: Routledge.

Ferro, A. (2015). *Torments of the soul: psychoanalytic transformations in dreaming and narration*. Hove: Routledge.

Fisher, J. (2011). The emotional experience of K. In C. Mawson (Ed.), *Bion today* (pp. 43-63). Hove: Routledge.

Golse, B. (2002). A sexualidade infantil. In A. de Mijolla, & S. de Mijolla-Mellor (Eds.), *Psicanálise* (pp. 345-377). Lisboa: Climepsi Editores.

Greenberg, J. R., & Mitchell, S.A. (2003). *Relações de objeto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.

Heimann, P. (1942). A contribution to the problem of sublimation and its relation to processes of internalization. *International Journal of Psychoanalysis*, 23, 8-17.

Isaacs, S. (1948/1989). The Nature and Function of Phantasy. In J. Riviere (Ed.), *Developments in Psychoanalysis* (pp. 67-121). London: Karnac Books.

Jacobs, N. (2007). Dissent, Assent, and the Body in Nineteen Eighty-Four. *Utopian Studies*, 18(1), 3-20. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/20719844>

Klein, M. (1928/1998). Early Stages of the Oedipus Complex. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 1, pp. 186-198). London: Vintage.

Klein, M. (1932). *The Psychoanalysis of Children*. London: Hogarth Press.

Klein, M. (1935/1998). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 1, pp. 262-289). London: Vintage.

Klein, M. (1937). Love, Guilt and Reparation. In M. Klein, & J. Riviere (Eds.), *Love, hate and reparation* (pp. 57-119). London: Hogarth Press.

Klein, M. (1940/1998). Mourning and its relation to manic-depressive states. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 1, pp. 334-369). London: Vintage.

Klein, M. (1945/1998). The Oedipus complex in the light of early anxieties. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 1, pp. 370-419). London: Vintage.

Klein, M. (1946/1997). Notes on some schizoid mechanisms. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 3, pp. 1-24). London: Vintage.

Klein, M. (1952a/1997). Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 3, pp. 61-93). London: Vintage.

Klein, M. (1952b/1997). On Observing the Behaviour of Young Infants. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 3, pp. 94-121). London: Vintage.

Klein, M. (1957/1997). Envy and gratitude. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 3, pp. 176-235). London: Vintage.

Klein, M. (1958/1997). On the development of mental functioning. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 3, pp. 236-246). London: Vintage.

Klein, M. (1959/1997). Our adult world and its roots in infancy. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 3, pp. 247-263). London: Vintage.

Klein, M. (1963/1997). On the Sense of Loneliness. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 3, pp. 300-313). London: Vintage.

Kobori (2013). Algumas considerações sobre o termo psicanálise aplicada e o método psicanalítico na análise da cultura. *Revista de Psicologia da UNESP 12(2)*, 2013. 73. Sal Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Laplanche, J., Pontalis, J. (1971). *Vocabulário da Psicanálise*. 3ª edição. Lisboa: Editores Moraes.

López-Corvo, R. E. (2003). *The Dictionary of the Work of W. R. Bion*. London: Karnac Books

Mattos, J. A. J., & Braga, J. C. (2013). Primitive Conscience: A Glimpse of the Primordial Mind. In H. B. Levine, & L. J. Brown (Eds.), *Growth and turbulence in the container/contained: Bion's continuing legacy* (pp. 181-211). Hove: Routledge

McWilliams, N. (2005). *Diagnóstico Psicanalítico*. Lisboa: Climepsi Editores.

Mezan, R. (1985). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.

Mezan, R. (1988). *A vingança da Esfinge*. São Paulo: Brasiliense.

Moylan, T. (2000). *Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia*. Boulder: Westview Press.

Orwell, G. (2015). *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*. Lisboa: Antígona.

O'Shaughnessy, E. (1981/1988b). Notes on symbol formation. In E. Spillius (Ed), *Melanie Klein Today: developments in theory and practice* (Vol. 1, pp. 147-157). London: Routledge.

Riviere, J. (1936). On the genesis of psychical conflict in earliest infancy. *International Journal of Psychoanalysis*, 17, 395-422.

Riviere, J. (1937). Hate, Greed and Agression. In M. Klein, & J. Riviere (Eds.), *Love, hate and reparation* (pp. 3-53). London: Hogarth Press.

Rodden, J. (2008). How Do Stories Convince Us? Notes Towards A Rhetoric of Narrative. *College Literature*, 35(1), 148–173. doi:10.1353/lit.2008.0007

Sampaio (2005). Recordando Animal Farm e Nineteen Eighty-Four: Notas sobre o Anti-utopismo de George Orwell. In F. Viera, & J. B. da Silva (Eds.), *George Orwell: perspectivas contemporâneas* (pp. 61-75). Porto: Greca- Artes Gráficas.

Segal, H. (1973). *Introduction to the work of Melanie Klein*. London: Hogarth Press.

Segal, H. (1981/1988a). Notes on symbol formation. In E. Spillius (Ed), *Melanie Klein Today: developments in theory and practice* (Vol. 2, pp. 156-173). London: Routledge.

Segal, H. (1991). Mental space and elements of symbolism. In H. Segal (Ed.), *Dream, Phantasy and Art* (pp. 38-48). London: Routledge.

Spillius, E. B. (1988a). Introduction: On Thinking. In E. Spillius (Ed), *Melanie Klein Today: developments in theory and practice* (Vol. 1, pp. 149-155). London: Routledge.

Spillius, E. B., Milton, J., Garvey, P., Couve, C., & Steiner, D. (2011). *The New Dictionary of Kleinian Thought*. Hove: Routledge.

Stefaisk, S. A. (2014). “A Few Cubic Centimetres Inside Your Skull”: A Interpretação dos Sonhos de Winston Smith em *Nineteen Eighty-Four*, de George Orwell. (Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa). Recuperado de https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20318/1/ulf1176632_tm.pdf

Steiner, J. (1992). The equilibrium between the paranoid-schizoid and the depressive positions. In R. Anderson (Ed.), *Clinical lectures on Klein and Bion* (pp. 45–56). London: Routledge.

Symington, J., & Symington, N. (1996). *The Clinical Thinking of Wilfred Bion*. London: Routledge.

Viera, F. (2005). Nineteen Eighty-Four: Contributos para uma Abordagem Espacial da Distopia Orwelliana. In F. Viera, & J. B. da Silva (Eds.), *George Orwell: perspectivas contemporâneas* (pp. 87-101). Porto: Greca - Artes Gráficas.

Winnicott, D.W (1955/1996). *Thinking about children*. London: Karnac Books.

Winnicott, D.W (1960). The Theory of the Parent-Infant Relationship. *International Journal of Psycho-Analysis*, 41, 585-595.

Winnicott, D.W (1971/1991). *Playing and Reality*. London: Routledge.